

O Apocalipse segundo Wells¹

(O atual equilíbrio nuclear de poder)

No último mês de outubro de 1997², um “Titanic insubmersível” foi perfurado na colisão com uma espécie de iceberg que estava à sua espera. Eis aí o que resta da “sociedade da informação”. O sistema financeiro globalizado e impregnável pós-1989 dirige-se agora para o abismo aquático. Infelizmente, sendo a sanidade o que é, ou não é, nestes dias, mesmo depois dos acontecimentos globais de outubro e novembro, a maioria dos passageiros, inclusive o ex-chefe do Citibank, Walter Wriston, ainda se agarra ao navio que afunda, se segura na fé ilusória de uma “utopia insubmergível”, uma economia da “sociedade informacional eterna, neomalthusiana”³.

“Sim, parece que há umas subidas e descidas nos mercados”, é a tônica da maioria dos adultos nos EUA que reconhecem as várias semanas recentes de tempestades financeiras globais. “Mas”, acrescentam eles, “a economia ainda é basicamente saudável. Eles nunca deixariam isso acontecer aqui. A menos que eu veja isso anunciado na televisão, não vou me permitir acreditar que esse tipo de crise possa chegar aqui”. Embora aquele cidadão, um maniqueu moderno, não esclareça quem ou o quê poderiam ser aquelas divindades misteriosas, “eles”, a impressão é que são terrivelmente olímpicos.

-
1. O título original é “TheWells of Doom”, literalmente “os poços da danação”, em que há um trocadilho entre “wells”, poços, e o nome próprio “Wells” (N.T.).
 2. Este ensaio foi originalmente publicado na revista *Executive Intelligence Review (EIR)*, Vol. 24, No. 51, 19/12/1997.
 3. Walter Wriston, discurso ao Instituto Cato, irradiado no canal Span 2, em 3/12/1997 (vide Documentação).

Deixando de lado tal superstição popular, em face das catástrofes ocorridas no sistema financeiro global desde o final de outubro até o início de dezembro de 1997, nenhum economista ou político deste planeta poderia mais ser desculpado por acreditar num meio de comunicação dos EUA que prometa que a atual crise asiática jamais chegará à economia estadunidense. Depois destes fatos, nenhum profissional poderia honestamente negar a exatidão excepcional de minha previsão publicada em fevereiro de 1997 ⁴: a de um surto de crises financeiras globais, sistêmicas, a começar no mais tardar em outubro de 1997. Os recentes abalos sísmicos no sistema financeiro mundial tomaram a forma de um fantástico toque de tambor; da Ásia, passando pela Europa e chegando às Américas, a situação tem se tornado cada vez pior. A menos que certos governos-chaves acabem com as atuais tentativas de “resgatar” um “Titanic” financeiro afundando, cujo casco já foi arrebentado de forma irreparável, a crise vai piorar a nível mundial, a uma velocidade acelerada.

Entrementes, como que para nos mostrar que a coisa não estava tão má quanto poderia ficar, as políticas exigidas pelo truculento presidente do Sistema da Reserva Federal dos EUA, Alan Greenspan, e pelo diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, por exemplo, já deflagraram o que periga tornar-se, muito rapidamente, uma espiral hiperinflacionária como a que atingiu a Alemanha de Weimar no período 1922-23. A diferença é que se essa política de Greenspan e Camdessus à moda de Weimar-1923 fosse continuada na Ásia e nas explosões vindouras na Rússia e América do Sul, o resultado seria uma

4. Em fevereiro de 1997, este autor divulgou uma série de advertências, em várias entrevistas publicadas e outras oportunidades, de que 1997 seria um ano de grave crise financeira internacional. Foi indicado o quarto trimestre de 1997 como o limite extremo para a irrupção desta crise, alertando as pessoas para que trocassem investimentos financeiros especulativos, como os fundos futuros e mutuais, por títulos de longo prazo do Tesouro e posse física de ouro, mesmo que as perdas nominais decorrentes destas trocas fossem esperadas no curto e médio prazos. (Por exemplo, numa entrevista radiofônica no programa *EIR Talks*, de 5 de fevereiro: “Claro, papéis do Tesouro não rendem tanto, mas há uma vantagem neles: o governo concordou em garanti-los e isso já é algo. Pelo contrário, nesses índices, futuros, opções, quando o mercado cai, você fica com menos do que nada.”) Na primavera, o autor renovou a advertência de fevereiro, de que um choque suave ou grave podia ser esperado em agosto, mas um choque pesado era praticamente certo em outubro. (Por exemplo, nas *EIR Talks* de 17 de junho: “Fala-se, reconhece-se agora que a última crise, de março-abril, e a próxima que vai aterrisar, de Marte ou algum lugar, entre junho, final de junho e 31 de outubro, no final do terceiro trimestre, vai ser arrasadora. Não necessariamente a grandona, mas nos forçará a olhar para o fato de que a grandona vai chegar.”)

hiperinflação no estilo de Weimar, que poderia levar ao colapso total e mundial, não em meses, como em 1922-23, mas comprimida num período de poucas semanas, devido ao impacto adicional de uma bolha global de derivativos superior a 100 trilhões de dólares.

Nesses assuntos econômicos, simples estudos estatísticos podem nos informar sobre considerações relevantes, como o fato de que o paciente está morto, mas não nos ajudam muito a definir as curas que poderiam ter salvo a economia, quando não o sistema financeiro. Se quisermos curar a doença, precisamos ir além dos meros sintomas para identificar o agente que se manifesta por meio de tais sintomas. Para descobrir a cura, precisamos descobrir a fonte da doença. Para achar a fonte permanente da doença da civilização global, a atual crise financeira global, sistêmica e galopante, precisamos focalizar o tipo de decisão que continua, ainda hoje, a formar a prática econômica - não os simples efeitos estatísticos de tal prática. É a substância de Gêngis Cã, não a sua sombra estatística, que constitui a ameaça mortal à nossa civilização. Em resumo, para suplantar o perigo, o Governo dos EUA precisa reverter a tendência política dos últimos 30 anos.

O que precisa ser introduzido seria considerado como mudanças políticas muito radicais pelos atuais eleitos do lugar-comum, analfabetos em economia, como o presidente da Câmara dos Deputados Newt Gingrich. Precisamente se estas políticas não forem introduzidas logo para enfrentar um conjunto já inevitavelmente falido de instituições monetárias e financeiras internacionais, esta será uma crise sem fim. Se estas políticas não forem introduzidas o quanto antes, a presente civilização planetária estará condenada, condenada por uma falta de aptidão moral para sobreviver, condenada a mergulhar na barbárie pós-modernista de uma prolongada “nova idade das trevas”, mesmo antes do início da campanha eleitoral de 2000 nos EUA. A menos que possamos detectar e erradicar as instituições e políticas supranacionais que têm causado o declínio da economia mundial nas últimas três décadas, nossa cultura estará moribunda, sendo as nossas nações e suas populações as vítimas de uma civilização global moribunda.

Assim, a civilização européia moderna, hoje com mais de seiscentos anos, está morrendo. Nada poderá salvar o atual sistema financeiro e monetário em si. Até o final do século, talvez antes, ele desaparecerá para sempre na sua forma atual, ou devido a ações responsáveis dos principais governos ou, na falta deste remédio, pelo colapso hiperinflacionário ou hiperdeflacionário. Como o autor e outros analistas da revista *Executive Intelligence Review (EIR)* têm alertado

seguidamente, esse sistema financeiro-monetário é como um navio condenado a afundar; os passageiros, as nações, os povos e a economia física que vivem nesta civilização poderiam ser salvos, mas somente se estiverem dispostos a abandonar o navio condenado. Poderiam sobreviver, mas somente se desistirem, de uma vez por todas, das mudanças radicais pós-1964 introduzidas na cultura, que condenaram a atual ordem econômica mundial⁵.

Infelizmente, as evidências nos mostram que não mais do que uma pequena minoria das populações e seus governos condenados ainda estão dispostos a apoiar as políticas necessárias para permitir que nossas nações sobrevivam à crise financeira sistêmica global, que entrou recentemente em sua fase terminal. No momento, a maioria televisiva das populações hedonistas da Europa e América do Norte, mais notavelmente, parece ter perdido a vontade de lutar por algo que não seja o próximo instante fugidio de prazer temporário – ou monetário, deveríamos dizer.

Devemos enxergar a maioria das pessoas na maioria das nações de hoje como os acádios pomposos e condenados do Império Babilônico do Baltazar bíblico - muitas das principais instituições deste planeta parecem ter perdido a capacidade moral, a qualidade essencial para sobreviver. Foi assim que o artista retratou uma circunstância semelhante, o Festim de Baltazar⁶: uma vez mais, o dedo em movimento está

5. A comparação reiterada da crise atual com o afundamento do *Titanic* não é propriamente irônica, mas uma verdadeira metáfora. Não era o projeto do *Titanic* que estava errado; na verdade, o navio era melhor do que a maioria dos transatlânticos de passageiros que não foram afundados por icebergs naquela ocasião. Se o erro não estava no projeto físico do navio, onde estava então? Analogamente, a atual ruína da economia mundial não foi o resultado de nenhuma falha inerente ao modelo pré-1964 da economia física dos EUA. Por isso, se coloca a metáfora relevante do desastre do “Titanic” de 1997. Se os proprietários, o capitão e o orgulho britânico induzido não tivessem insistido na falsa hipótese de que o navio condenado era o mais rápido e insubmergível de todos, nem a empresa nem o capitão teriam cometido os erros fatais de política e comando que enviaram o navio à sua velocidade de cruzeiro relativamente alta para cima de um iceberg perfeitamente previsível. A causa do afundamento do navio foi, portanto, nada mais do que a obsessão histórica do proprietário, capitão e público britânicos com um conjunto de teorias dominantes puramente ideológicas. Foram estas hipóteses mentais perversas que formaram as decisões que, uma por uma, definiram a seqüência trágica que leva ao desastre, em ambos os casos. A raiz da tragédia nesses casos, como no teatro de Ésquilo, Shakespeare e Schiller, é um debate sobre decisões, que se recusam a levar em conta as hipóteses axiomáticas subjacentes que são a verdadeira matriz da decisão que leva ao desastre.

6. Rembrandt van Rijn, “Baltazar vê a escrita na parede” (pintado por volta de 1636).

escrevendo; a nova mensagem está agora quase completa.

Como foi que o nosso mundo entrou nessa confusão? Quando e como começamos a rolar ladeira abaixo rumo a essa catástrofe? Que hábitos devemos erradicar das nossas instituições e de nós mesmos se quisermos, juntamente com a nossa república, sobreviver à atual desintegração dos sistemas financeiros e monetários do mundo inteiro? ⁷

Para entender como tudo isso ocorreu, como a mais poderosa civilização jamais criada chegou ao atual ponto de degradação e autodestruição, como o fabuloso Ozymandias ⁸, escutem uma história real que começa com o assassinato, em 6 de setembro de 1901, do patriota e presidente dos EUA William McKinley por Leon Czolgosz, um terrorista importado, apadrinhado pela Casa de Imigração Henry Street, de Emma Goldman. O ferimento mortal infligido pelo ataque deste assassino, manipulado pela própria Goldman, autodenominada “tiranocida”, levou à Presidência da República, oito dias depois, em 14 de setembro, um maligno rebento da Confederação, Theodore Roosevelt. Por esta época, na Inglaterra, um jornalista patético e perverso, mas que se tornou muito influente, Herbert George Wells (1868-1946), escapava do que teria sido uma merecida obscuridade. Este Wells viria depois a descrever apropriadamente seu conhecido pessoal e aliado ideológico, Theodore Roosevelt, como “O Grande Ruído da América” ⁹.

A interseção dessas duas personalidades, Wells e Theodore Roosevelt, com a ascensão do príncipe Eduardo Alberto como o rei Eduardo VII da Grã-Bretanha, marcam um século errado desde o início, um século de: 1) duas guerras mundiais; 2) um equilíbrio de poder nuclear aterrorizante, que Wells foi o primeiro a propor pública e amplamente, a partir de 1914; e 3) as últimas três décadas de reinado mundial de um pesadelo global e neomalthusiano (outro dogma de Wells). Estes três fatores, inclusive os dois dogmas, um proposto e outro adotado por Wells,

Baltazar: Bel-shar-usse, rei da dinastia condenada da Babilônia, por volta de 538 a.C.

7. Em outras palavras, qual foi a “mudança de paradigma cultural” envolvida? Qual foi a mudança nos princípios axiomáticos subjacentes de tomada de decisões que causaram uma sociedade industrial de fins do século 19, que antes avançava e era cada vez mais colaboradora internacionalmente, a mudar a direção efetiva de suas decisões e se tornar uma coleção hobbesiana de nações-gladiadoras, mergulhando em duas guerras mundiais, na era do equilíbrio do terror nuclear e na loucura suicida da tomada de decisões mundiais na base do puro irracionalismo de uma utopia neomalthusiana e “pós-industrial”?
8. Do poema de Shelley sobre um rei cercado de ruínas e destruição (N.T.).
9. H.G. Wells, *An Experiment in Autobiography* (Uma tentativa de Autobiografia), New York, MacMillan & Co., 1934, p. 646.

se tornaram significativamente, por meio de influente contribuição, a causa imediata principal da atual crise e colapso econômico mundial.

O equilíbrio de poder nuclear de Wells

Devido a isso e a outros fatores, entre os historiadores conscientes e outras autoridades no assunto, H.G. Wells tem uma notável importância para o nosso entendimento da crise estratégica, política, econômica e moral que hoje envolve este planeta. Um candidato improvisado para a fama e a influência? Ele foi, é verdade, assim como seu colega fabiano George Bernard Shaw, essencialmente um *reles poseur*, no sentido literal da raiz latina de “ vaidade ” - um pobre miserável, antipático, misantropo, um eterno tolo picaresco de imensa vaidade, de caráter pessoal comparável, e isto com alguma desvantagem, à imagem popular de um chefe mafioso. Ele foi, em resumo, exatamente o tipo de laçao que a oligarquia britânica usaria e cultivaria para realizar uma tarefa particularmente desagradável e truculenta.

Na época, no início deste século, em que esse Sparafucile¹⁰ inglês foi catapultado da obscuridade, ele podia ser comparado com o caso clássico e exemplar de Maria Tifóide¹¹. Como ela, foi incontestavelmente em seu tempo uma figura que irradiava uma certa influência desagradável. Para apreciar a sua importância elevada e em geral ascendente nos eventos mundiais relevantes durante o intervalo de 1901 a 1939, pensem nele como em Adolf Hitler ou seu colega de crimes Bertrand Russell, um portador do que se revela como uma variedade virulenta de sífilis cultural¹². Wells não destruiu a nossa civilização sozinho, mas desempenhou um papel vital e exemplar neste processo, como o tecido no qual a variedade mortal da infecção foi cultivada e disseminada.

Os admiradores depravados de Wells e a visão populista hobbesiana tipicamente associativa de uma “conspiração para o governo mundial”

-
10. Assassino contratado por Rigoletto, na ópera homônima de Verdi, para eliminar o duque, que cortejava por esporte sua filha Gilda (N.T.).
 11. Typhoid Mary (?-1938), imigrante irlandesa que, acredita-se, teria infectado milhares com essa doença nos EUA (N.T.).
 12. Wells poderia concordar com nossa escolha de doença venérea, como alusão às fantasias sexuais utópicas, aparentadas às de criaturas degradadas como Carl Jung, Wilhelm Reich e o patrão do ex-presidente George Bush, a seita de Moon, que de acordo com a declaração autobiográfica, plausível neste caso, plasmou o seu pensamento sobre todos aspectos que tratamos aqui. Vide Wells, *op. cit.*, pp. 392-409.

tratam Wells e outros lacaios do seu tipo como gênios admiráveis ou gênios desprezíveis. Wells não era nenhum gênio. Seu talento era, como ele mesmo admitia implicitamente, o de um cáften que enxergava as fantasias sexuais particulares, mas não tão escondidas, de uma clientela depravada¹³. Sempre que uma idéia influente é atribuída a Wells, seja por devotos, seja por detratores, descobrimos que tal originalidade nunca existiu. Seu papel nunca foi o de descobridor de princípios. De fato, não há nenhum princípio no vocabulário de Wells. Ele não foi um inventor, mas um publicitário, uma criatura patética que dirigiu o seu instinto de cáften das perversões sexuais de um público amplo para uma carreira de relações públicas.

Esse é um ponto crucial. Portanto, devemos acrescentar mais umas poucas observações relevantes para a distinção que acabamos de fazer.

Por exemplo, Wells escreve que “O Novo Maquiavel¹⁴ está num mundo totalmente distante do erotismo aberto. O tema... enfatizou a grande incompatibilidade de interesses públicos amplos com a alta e repentina velocidade da paixão imaginativa... Eu não estava levando a mim nem ao mundo para a pornografia artística ou atacando nada que considerasse moral... Estava liberando nesse livro uma longa acumulação de supressões. Estava trabalhando nos problemas colaterais com completa ingenuidade... Num mundo onde a pressão pelos meios de subsistência era uma condição normal de vida, era necessário compensar a remoção de barreiras sexuais tradicionais e, assim, minha defesa em prol de fazer o amor simples e facilmente tinha que ser complementada por uma adesão à propaganda dos neomalthusianos. Foi o que fiz em minhas *Anticipations* (Antecipações) (1900)¹⁵ e continuei a escrever diretamente sobre o assunto num período quando o neomalthusianismo não era de forma alguma o movimento respeitável em que se transformou.”¹⁶

A função política pela qual um publicitário como Wells está sujeito a um processo competitivo de seleção é a de transformar idéias que os candidatos a empregado querem promover em uma forma simples, na qual a simples menção destas idéias possa adquirir associações agradáveis dentro de uma grande parcela, se não a maioria de uma população escolhida e das instituições que aquela população considera como

13. Wells, *op. cit.*, pp. 392-409.

14. De 1911.

15. *Anticipations of the Reaction of Mechanical and Scientific Progress upon Human Life and Thought*, London, Chapman & Hall, 1901.

16. *An Experiment in Autobiography*, pp. 398-399.

expressões do seu interesse próprio.

Essa não é a maneira pela qual as idéias deveriam adquirir uma circulação maior. Os métodos cognitivos da educação humanista clássica representam a abordagem apropriada para todas as formas de educação de uma população, especialmente a população de uma nação que deseja escapar da queda da república para a tirania. Wells, como o Mefistófeles do *Fausto* de Goethe, é um empirista britânico que evita a cognição: escolhe as susceptibilidades irracionais da população, os modos associativos e não-cognitivos da vida fantasiosa do alvo: as imagens sexuais.

Wells exemplifica o uso do cáften como publicitário: “Içai a bandeira no mastro e vede quem a saúda!” “Jogai-o na parede e vede se gruda!” “Lede a pesquisa e descabri qual dos programas políticos de ontem à noite achou o seu caminho em meio às imagens poluídas da maioria relativa dos setores escolhidos da população”. Daí o uso da política de propaganda utópica sexualmente orientada de Wells, no caso da base financeira bem sucedida das origens do culto dos Pagadores de Promessas (seita masculina surgida há poucos anos nos EUA - N.T.) e as imagens homoeróticas junguianas ¹⁷.

Essa espécie de gigolô, assim como os meios de comunicação em geral, ganha a vida e sua influência política graças ao apelo à perversão sexual subjacente que encontra eco nos jornais populares do dia, nos meios eletrônicos de entretenimento e nas fantasias fictícias apresentadas em tais meios sob o rótulo enganador de “notícias”.

Essa é uma característica de culturas degeneradas, como a do Império Romano, ou a cultura popular britânica atual, na qual o suposto tamanho dos testículos dos principais gladiadores da arena esportiva, ou temas como o tamanho dos seios de uma atriz ou o registro de pecadilhos sexuais de “celebridades” da indústria de entretenimento despertam muito mais interesse da população do que as questões políticas de que dependem as vidas das pessoas e de sua posteridade. Wells exprimiu o mesmo ponto de vista, mas a partir de sua posição: “Num mundo onde a pressão pelos meios de subsistência era uma condição normal de vida, era necessário compensar a remoção de barreiras sexuais tradicionais e, assim, minha defesa em prol de fazer o amor simples e facilmente tinha que ser complementada por uma adesão à propaganda dos neomalthusianos.”

Em geral, seja para o mal, como no caso de Wells, seja para o

17. Anton Chaitkin, “The Promise Keepers Cult and Homoerotic Brainwashing”, *Executive Intelligence Review*, 14/11/1997.

bem, uma idéia ganha circulação por meio de um ou outro tipo de ingestão social. A ingestão propriamente começa na cabeça e é a seguir transmitida do processo cognitivo de uma cabeça para uma cópia da mesma espécie e tipo de processo cognitivo numa outra cabeça. Mas, nas camadas inferiores da sociedade, tipos como Wells preferem se dirigir à preferência fantasiosa da audiência escolhida pelos buracos inferiores do corpo do publicitário. No caso da oligarquia que adotou Wells, foi a sua habilidade inata, assim como a do seu camarada de armas fabiano George Bernard Shaw, em mirar e atingir o nível moralmente mais baixo da audiência escolhida, cujos sucessos relativos mostraram à oligarquia como moldar as suas idéias numa forma de expressão que capturasse o que Wells reconhecia como as susceptibilidades mais grosseiras da massa de idiotas pretendida.

Resumindo: Wells não inventou o sexo; ele simplesmente o vendia. Aí residia o seu talento e a qualidade de sua influência.

No presente estudo estratégico, o nosso interesse em Wells focaliza aqueles tópicos de sua atividade que dizem respeito ao seu papel crucial e constante para criar, a partir de 1914, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, uma nova espécie de doutrina de “equilíbrio do poder”, baseada na confiança do químico Frederick Soddy quanto à viabilidade de uma nova arma de poder militar, a fissão nuclear¹⁸.

Essa é a doutrina, hoje bem conhecida, que prega o desenvolvimento e uso de armas nucleares como uma forma de terror, por meio da qual as nações poderiam ser forçadas a abandonar a soberania nacional e integrar uma nova ordem mundial feudalista, que Wells, assim como seu comparsa Bertrand Russell, defendiam na forma de um “governo mundial”¹⁹. Dentro do contexto deste tópico, o nosso interesse mais

-
18. H.G. Wells, *The World Set Free*, London, Macmillan, 1914; dedicado a Frederick Soddy. O propagandista Wells é o inventor putativo da expressão “bomba atômica”. Notavelmente, embora Wells tivesse reconhecido publicamente a sua dívida para com Soddy no livro citado, nenhuma referência adequada a um assunto tão importante aparece em sua autobiografia de 1934. Soddy, cujo estágio mais significativo no estudo da desintegração de elementos radiativos ocorreu quando trabalhava com Ernest Rutherford na Universidade McGill de Montreal, está entre os primeiros que se sabe terem proposto a viabilidade e o potencial do armamento nuclear, no período 1908-1914. Depois que Soddy recebeu o seu Prêmio Nobel de Química, em 1921, as suas conferências de 1908, nas quais Wells tinha se baseado bastante para a sua proposta de 1914 para um equilíbrio nuclear de poder, foram publicadas em livro. Vide Frederick Soddy, *The Interpretation of Radium and the Structure of the Atom*, New York, G.P Putnam & Sons, 1922.
19. Bertrand Russell, “The Atomic Bomb and the Prevention of War”, *The Bulletin of the Atomic Scientists*, nos. 5 & 6, 1/9/1946. Vide também H.G. Wells, *The Open*

específico aqui é o papel crucial que a doutrina de equilíbrio de poder nuclear tem tido ao impor os dogmas utópicos e neomalthusianos que, cada vez mais, têm dominado, arruinado e continuam a ameaçar a tomada de decisões da economia mundial, durante as últimas três décadas.

Por isso, H.G. Wells não foi apenas o primeiro propagandista do argumento do “equilíbrio de poder nuclear”: ele estava também entre as figuras-chaves que elaboraram o que se tornou a contracultura das massas jovens que, como a mitológica Circe, se apoderou das mentes e corpos da maioria da geração de estudantes universitários de 1964-72. Como mero laçao, ele desempenhou um papel vital para introduzir o processo de autodestruição, que, por sua vez, enviou toda a civilização europeia moderna para a sua atual desintegração financeira.

Para entender Wells, a sua escolha por seus padrões aristocráticos e o impacto que teve neste século, precisamos começar pelo ano de 1901, o ano em que o presidente McKinley foi assassinado por uma organização terrorista internacional da época, com sede em Londres; o ano em que foi publicado²⁰ o manifesto utópico de Wells, “Antecipações”, francamente neomalthusiano, como ele mesmo insistiu neste termo²¹. Este livro foi uma parte importante da atividade que trouxe Wells, o admirador de Thomas Huxley, para a Sociedade Fabiana e para a confraria gastronômica

Conspiração: Blueprint for a World Revolution (A Conspiração Aberta: Planos para uma Revolução Mundial), London, Victor Gollancz, 1928. Este manifesto de Wells se tornou um plano para estabelecer a cultura mística e sintética atualmente conhecida com os nomes de “pós-modernismo” e “Nova Era”. Russell endossou publicamente este esquema utópico de Wells e nunca mais se desvinculou deste compromisso. Durante e após a Segunda Guerra Mundial, instituições de dentro e de fora dos EUA inundaram os centros acadêmicos estadunidenses de planejamento estratégico com dogmas da “Nova Era”. Estes, inclusive o culto da “teoria da informação” de Norbert Wiener e a “análise de sistemas” de John von Neumann, foram todos dominados pelas redes combinadas e associadas com a organização continuada e anterior do manifesto da “Conspiração Aberta” de Wells. A engambelamento psicossocial da “guerra mental” do período da Guerra Fria de 1952-72 tornou-se, assim como as publicações e cultos da chamada “ficção científica”, um campo fértil para tais tipos exóticos. Na década de 1970 e depois, as figuras dominantes na pseudo-ciência, nas religiões e projetos semelhantes da “Nova Era” estavam intimamente associadas com Russell ou Wells, como Gregory Bateson da Fundação Josiah Macy Jr. e sua então esposa, a antropóloga Margaret Mead, ou ligadas com a Clínica/Instituto Tavistock de Londres, do brigadeiro Dr. John Rawling Rees e do Dr. Eric Trist. Foi por intermédio destes canais de influência que se desenvolveu o instrumental de lavagem cerebral maciça das populações estudantis universitárias do período 1964-72.

20. Op. cit. Wells se refere evasivamente às *Antecipações* como um livro de “1900”, em vez da data de publicação do livro.

21. Wells, op. cit., p. 399.

dos “Coeficientes”, onde ele se tornou uma espécie de “Josef Goebbels” prematuro para os empreendimentos imperiais de lorde Alfred Milner ²².

Sobre esses assuntos, os trabalhos de Wells se caracterizam por uma lembrança vívida do que ele considera o fato central do seu mundo: que ele existe nele, cercado por celebridades cuja amizade usa como plumagem literária. Mesmo figuras mundiais, como os não-britânicos Theodore Roosevelt, V.I. Lênin, Josef Stálin, Franklin Roosevelt e outros, aparecem na obra desse irascível Rumpelstiltskin ²³ como se fossem meramente seus predicados. Assim, em seus escritos, o mundo mais vasto em que ele se situa está em geral fora de foco, embaçado. Em sua própria cabeça, esse “lobo das estepes” ²⁴ britânico estava menos no mundo do que diante dele, se exibindo pomposamente sobre o palco.

Contudo, fora da realidade virtual em que ele descreve a sua fantasiosa vida erótica, existia um mundo muito real e uma situação muito real, um mundo em que exercia uma influência muito real. Este mundo real era, principalmente, o do ódio contra o adversário tradicional da monarquia britânica, a existência contínua dos Estados Unidos de Benjamin Franklin e Abraham Lincoln. Estes eram os EUA que ele e seus padrões temiam e odiavam amargamente, até mais do que odiavam os aliados dos EUA no final do século 19, o Japão, a Alemanha, a Rússia e a França de Thiers, do presidente Sadi Carnot e do historiador-diplomata Gabriel Hanotaux. Sem esta situação essencial dominante do mundo em que vivia Wells, o Wells da primeira metade do século 20 não poderia ter existido.

Sigamos o laçao Sancho Pança (Wells) e o aristocrático Dom Quixote (Russell) a partir do ponto inicial de sua jornada, o ódio contra os Estados Unidos, até a sua escolha das armas para destruir a nossa república. Há três temas de trabalho utópicos e interdependentes, centrais para toda a atividade propagandista desenvolvida entre 1901-39 por H.G. Wells e pela escola estadunidense de Gernsback-Campbell, da “ficção científica” barata e radicalmente positivista inspirada por Wells ²⁵:

-
22. Wells, *An Experiment in Autobiography*, pp. 643-707.
 23. Personagem da história dos irmãos Grimm que se auto-destrói de fúria por não conseguir os seus intentos malignos (N.T.).
 24. Do romance homônimo de Hermann Hesse, *O lobo das estepes* (N.T.).
 25. Considere-se, por exemplo, a fórmula subjacente aos roteiros da série de TV *Jornada nas Estrelas*. O sumo sacerdote “Spock”, ostensivamente uma “inteligência artificial” criada pelo maluco Marvin Minsky do MIT, representa o positivismo lógico do culto de Campbell. “A Federação”, o governo mundial. Uma “Diretriz Primária”, copiada da cabala do neomalthusianismo. A religiosidade, pura perversão polimorfa copiada das

1) armas nucleares; 2) governo mundial; e 3) neomalthusianismo masturbatório. Encontramos, assim, a ponte entre o Wells de 1901-28 e os *baby-boomers*²⁶ de cérebros “lavados” dos *campi* universitários, de 1964-72. Para entendermos o ímpeto da “Conspiração Aberta” de Wells, consideremos a característica dos EUA que representava o foco do seu medo e do seu ódio satânico.

A revolução de Abraham Lincoln

Desde 1863, o que a oligarquia britânica dominante, também tradicionalmente chamada de “Partido Veneziano”, teme e odeia mais do que qualquer outra coisa tem sido o poder relativamente temível que a economia dos Estados Unidos veio a representar durante o período 1861-76²⁷. Os fatos dessa história foram amplamente documentados em livros e ensaios publicados por este autor e seus associados por mais de um quarto de século. Para os nossos presentes propósitos, o essencial do assunto, no que concerne aos papéis de Wells e Russel, está razoavelmente resumido no que se segue.

Até as intervenções de 1862-63 do czar russo Alexandre II, a monarquia britânica de lorde Palmerston e lorde Russell, avô de Bertrand Russell, estava inteiramente dedicada a destruir os Estados Unidos. Como foi estabelecido pela própria confissão do agente britânico August Belmont, a intenção de Londres ao mobilizar o seu títere, os Estados Confederados da América, era forçar o governo de Washington a aceitar a soberania do marionete confederado britânico, criando assim uma situação na qual Londres poderia dividir o continente norte-americano num conjunto balcanizado de tiranias locais em luta perpétua, de acordo com o mesmo “equilíbrio de poder” ilógico proposto para a Ásia Central pelo dúbio Zbigniew “Tweedledum”²⁸ Brzezinski²⁹. Quando, apesar da

páginas de *As Variedades da Experiência Religiosa*, de William James, e de *O Ramo Dourado*, de George Frazer.

26. Geração nascida após o aumento da taxa de nascimentos (*baby boom*) no pós-guerra de 1945 (N.T.).
27. Sobre o uso do “Partido Veneziano”, ver H. Graham Lowry, *How the Nation was Won* (Washington, D.C.: Executive Intelligence Review, 1987). Sobre o desenvolvimento da economia dos EUA com Carey-Lincoln, em 1861-76, ver Anton Chaitkin, “The Land-Bridge: Henry Carey’s Global Development Program”, *Executive Intelligence Review*, 2/5/1997.
28. Referência ao personagem Tweedledum, do livro *Alice através do espelho*, de Lewis Carroll (N.T.).

cumplicidade do associado de Belmont, McClellan, a Confederação pró-britânica falhou em resolver a questão rapidamente do jeito que Londres queria, Palmerston, Russell e a marionete de Palmerston, o imperador Napoleão III, se prepararam para usar as forças navais combinadas da Grã-Bretanha, França e Espanha contra o México e contra o bloqueio dos portos confederados pela União. Quando o czar não só ameaçou “guerrear por toda Europa” se a Grã-Bretanha usasse sua força naval contra os EUA, mas também despachou duas forças navais russas para ajudar os EUA em caso de intervenção naval britânica na Guerra Civil, o plano de Palmerston e Napoleão III para destruir os EUA foi abolido em favor de outras alternativas de longo prazo.

Durante esse período, o aspecto crucial da estratégia de Lincoln foi o rápido desenvolvimento da infra-estrutura econômica básica e do potencial agro-industrial da região sob seu comando. Lincoln travou, do seu lado, o que o grande militar alemão Alfred von Schlieffen chamava a “guerra de aniquilação”, em contraste com o modelo predominante no século 18, de “guerra de gabinete”, que generais como Robert E. Lee e McClellan propunham por seu turno. A vitória nas batalhas era necessária, mas não decisiva em si mesma. Decisivo era o aumento da capacidade de aniquilação que um lado estava desenvolvendo em profundidade, com relação à destruição da capacidade fundamental das forças inimigas. No fim, foi a “bigorna” Grant, o “martelo” Sherman e Sheridan que representaram a expressão da estratégia de Lincoln nessa questão.

Esse modo de guerrear, destinado a aniquilar a capacidade econômico-militar do adversário para usar continuamente as suas capacidades de luta, foi introduzido nos Estados Unidos, aproximadamente a partir de 1814, pelos círculos franceses de Lazare Carnot, o célebre “Organizador da Vitória” de 1792-94, e do ex-professor e aliado de Carnot, Gaspard Monge, da Escola Politécnica. Carnot é o fundador da ciência da guerra moderna, uma forma de luta na qual ele introduziu métodos de projeto de máquinas-ferramentas na logística e tecnologia da guerra. Isso foi adotado na Academia de West Point sob o comando do comandante Sylvanus Thayer, fundador da arma de engenheiros militares, que se tornou o embrião da posterior superioridade militar dos EUA e representou uma peça essencial na construção do “milagre econômico” de Carey-Lincoln entre 1861-76.

29. Lyndon H. LaRouche Jr., “Tweedledum Goofs Again”, *Executive Intelligence Review*, 5/12/1997.

Sob a orientação do economista Henry C. Carey, o período de 1861-76 presenciou o rápido desenvolvimento da economia dos EUA, transformando-a não apenas na mais poderosa do mundo, mas de longe a mais avançada tecnologicamente. Isto resultou na adoção bem sucedida do modelo Carey-Lincoln pela Restauração Meiji do Japão e em mudanças radicais nas políticas econômicas de Bismarck, tornando a Alemanha a economia ascendente da Europa. Benefícios similares da revolução americana na sociedade industrial foram estendidos à Rússia pelo aliado dos EUA, o czar Alexandre II, D.I. Mendeleiev e o conde Sergei Witte. A ajuda ao progresso tecnológico russo veio tanto diretamente dos EUA quanto por intermédio da cooperação EUA-Rússia-Alemanha.

Entrementes, com a queda do agente britânico Napoleão III, a França sob Adolphe Thiers, Sadi Carnot e outros havia deixado de ser o “inimigo número dois” dos EUA e se engajara na cooperação com os grandes projetos desenvolvimentistas de construção de ferrovias e pontes na Eurásia. Até que franceses corruptos, agentes de Londres, conseguiram uma capitulação diante de lorde Kitchener, no incidente de Fashoda, Sudão, em 1898, a França foi efetivamente uma parceira dos grandes projetos nacionais que os EUA vitoriosos de Lincoln inspiravam na Eurásia. Até as contramedidas diplomáticas dirigidas pelos britânicos no período 1894-1901, a combinação dos laços dos EUA com o Japão e as forças nacionalistas da China completaram o esforço de patriotas estadunidenses em gerar a cooperação econômica com a Eurásia entre a França, Alemanha, Rússia, China e Japão.

A partir do sucesso de Paul Barras em derrubar o herói de guerra Lazare Carnot de todas posições de poder político na França e até os êxitos iniciais dos bloqueios navais do Presidente Lincoln durante a Guerra Civil americana, Londres estava garantida de que o perigo estratégico potencial de uma existência continuada dos Estados Unidos era uma ameaça contornável. Os acontecimentos de 1861-76 quase obliteraram a autoconfiança estratégica britânica a este respeito. Tais eventos demonstraram às nações daquele tempo a absoluta e vasta superioridade do Sistema Americano de economia política, de Leibniz-Franklin-Hamilton-Carey-List, sobre o principal produto de exportação intelectual britânico às suas vítimas escolhidas, o modelo de “livre comércio”. A disseminação do “modelo americano” de Henry C. Carey no Japão, Alemanha, Rússia e China nacionalista transformou a ameaça à monarquia britânica, de potencialmente grave em um desafio imediato à continuidade da existência do principal, permanente e tradicional adversário estrangeiro à nossa república, desde 1714 até hoje em dia.

No final do século, quando Wells começou a sair da obscuridade, o Sistema Americano já havia demonstrado uma grande resiliência contra a pior traição e as aflições externas que tinha sofrido desde aquela época. A eleição de um patriota na tradição de Lincoln-Carey, o presidente William McKinley, ameaçava desfazer a traição perpetrada pela cria confederada Grover Cleveland; os EUA, liderados por McKinley, representavam um desafio ativo à continuidade da existência do Império Britânico. Um novo imperador japonês, mas amigo da Grã-Bretanha, dirigiu a primeira Guerra Sino-Japonesa, de 1894, um rompimento direto com o seu antigo aliado estadunidense. A guerra dos EUA contra o Japão, de 1941-45, foi uma conseqüência direta da aliança prolongada do Japão, nas primeiras décadas do século 20, com a Grã-Bretanha contra os interesses americanos. O perigo grave e imediato ao Império Britânico foi eliminado pelas duas décadas seguintes com o assassinato do presidente McKinley. O bem sucedido emprego de funcionários franceses traidores recrutados entre as fileiras de franceses “revanchistas” pelo rei Eduardo VII possibilitou a Londres jogar a França e Rússia contra a Alemanha, bem como empregar agentes maçônicos franceses e britânicos combinados para orquestrar a Guerra dos Bálcãs, manipulada para deflagrar a Primeira Guerra Mundial.

As expressões de ódio de Russell contra os Estados Unidos, assim como as suas ameaças genocidas contra as “raças mais prolíficas” de cor mais escura³⁰, se situam além dos limites do tolerável; para ele, o homem seria um animal sem consciência. Contudo, nem mesmo as cantilenas

30. Bertrand Russell, *The Prospects of Industrial Civilization*, London, George Allen & Unwin, 1923, p. 273 (edição brasileira: *As perspectivas da civilização industrial*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979): “O socialismo, especialmente o socialismo internacional, só é possível enquanto sistema estável se a população for estacionária, ou quase. Um aumento lento poderia ser enfrentado com melhorias em métodos agrícolas, mas uma rápida mudança acaba no fim reduzindo a população toda à penúria... a população branca mundial logo parará de aumentar. As raças asiáticas ainda vão demorar, e as negras mais ainda, antes que a sua taxa de natalidade caia suficientemente para tornar seus números estáveis sem ajuda da guerra ou pestes... Até que isso aconteça, os benefícios almejados pelo socialismo só podem ser parcialmente alcançados, e as raças menos prolíficas terão de se defender contra as mais prolíficas com métodos que são horríveis, ainda que necessários”. Como citado por Carol White em *The New Dark Ages Conspiracy*, New York, New Benjamin Franklin House, 1980, pp.74-75. Este último livro, escrito por Carol White e outros, foi baseado no esboço elaborado pelo autor, em 1978, sobre tópicos essenciais de um texto proposto para desbançar a imagem mítica de Bertrand Russell como um velho e bondoso pacifista. Nele, inclui-se o resultado de extensas pesquisas sobre as redes de Russell, começando com o próprio estudo feito pelo autor sobre os seus trabalhos matemáticos e filosóficos na década de 1950 e o do

anti-EUA de Russell alcançam a virulência e perversão do ódio expresso por Wells contra qualquer coisa estadunidense. Somente um laiaio rasteiro como Wells poderia proferir tais demonstrações públicas de ódio obsessivo contra os adversários do patrão. Às vezes, como nos mostram os romances policiais britânicos, o governante da mansão real, o mordomo geralmente um brutamontes “israelita britânico”, se sai melhor como assassino do que a típica versão britânica de Oblomov³¹, o patrão bem certinho do mordomo. Depois da morte de Wells, Russell resumiu a sua própria visão e a de Wells nos seguintes termos: “(...) tempos ruins, pode-se dizer, são excepcionais e só podem ser enfrentados com métodos excepcionais. Isto tem sido mais ou menos verdadeiro durante o período da lua-de-mel do industrialismo, mas não continuará verdadeiro a menos que o aumento da população possa ser enormemente diminuído...A guerra, até hoje, não tem tido um efeito muito grande nesse aumento, que continuou mesmo com as guerras mundiais...A guerra...até agora, tem desapontado a este respeito...mas, talvez, a guerra bacteriológica possa se mostrar mais eficiente. Se uma Peste Negra pudesse se espalhar pelo mundo uma vez em cada geração, os sobreviventes poderiam procriar livremente sem encher demais o mundo...O estado dos negócios poderia ser um pouco desagradável, mas e daí? As pessoas de mente realmente elevada são indiferentes à felicidade, especialmente a dos outros...”³²

A distinção e convergência entre o patrão implícito (Russell) e o criado (Wells) estão representadas de forma compacta no desabafo autobiográfico de Russell: “Quanto à vida pública, quando me tornei politicamente consciente pela primeira vez, (William E.) Gladstone³³ e (Benjamin) Disraeli³⁴ ainda se enfrentavam em meio à solidez vitoriana, o Império Britânico parecia eterno, uma ameaça à supremacia naval

autor e seus associados na Europa e América do Norte, desde o início da década de 70. Extratos desta pesquisa foram introduzidos aqui, pois têm a ver com o assunto mais estreito do presente Estudo.

31. Anti-herói do romance homônimo de Gontcharov, personificando a indecisão da pequena nobreza russa do século 19.
32. Cf. Carol White, *op. cit.*, extraído de Bertrand Russell, *The Impact of Science on Society*, New York, Simon & Schuster, 1953, pp. 102-104.
33. Proeminente conservador britânico, tornou-se líder do Partido Liberal, foi primeiro-ministro, famoso por seus esforços sem sucesso em prol do movimento irlandês de autonomia.
34. Escritor britânico e conservador arqui-imperialista, foi primeiro-ministro por pouco tempo em 1868 e, novamente, de 1874-80. Notório por seu papel em transformar a viúva matusquela, rainha Vitória, em imperatriz da Índia. Durante o mandato de Gladstone, Disraeli foi consistentemente o mais feroz arauto da oposição.

britânica era inimaginável, o país era aristocrata e cada vez mais rico... Para um velho ³⁵, com tal formação, é difícil se sentir à vontade num mundo de... supremacia estadunidense. ³⁶”

Russell falava no contexto britânico de ódio permanente de Churchill pelo presidente dos EUA Franklin Roosevelt, o qual, se não fosse por sua morte prematura, teria rapidamente livrado este planeta de todos impérios coloniais e também da exportação britânica permanente de seu engodo pernicioso, teologicamente um satanismo ³⁷ implícito, do “livre comércio” para nações estrangeiras, suas vítimas escolhidas.

O papel do “Partido Veneziano”

Como enfatizado anteriormente em diversas citações relevantes, desde as sessões de 1439-40 do grande e ecumênico Concílio de Florença e desde o estabelecimento subsequente da França de Luís XI como a primeira forma moderna de Estado nacional de caráter republicano, a questão central por trás de todas guerras importantes e os conflitos políticos, sociais e filosóficos correlatos, dentro da civilização européia moderna ampliada, tem sido o conflito entre a noção de igualdade de todas as pessoas, como expressa na imagem cognitiva de Deus, contra a política das classes oligárquicas então centralizadas no papel imperial de Veneza, enquanto potência marítima e financeira dominante na região mediterrânea e norte da Europa ³⁸. O caso de Russell, Wells e outros não é uma exceção a esta regra. A Guerra Civil entre os Estados Unidos do

35. Bertrand Russell, hereditariamente o terceiro conde, nasceu em 1872 e morreu em 1970; daí a referência a “velho”.

36. Carol White, *op. cit.*, p. 77.

37. A origem imediata das doutrinas britânicas de “livre comércio” incluem o livro de Bernard Mandeville (1714), *A fábula das abelhas, ou vícios privados, benefícios públicos*. Ver H. Graham Lowry, *op. cit.*, passim. Sobre a noção de “livre comércio” de Mandeville, ver Lyndon H. LaRouche Jr., “Whose God does Pat Robertson Serve?”, *Executive Intelligence Review*, 14/11/1997, passim. A base ideológica mais significativa, tanto para o *laissez-faire* do herdeiro da Fronda feudal-reacionária, François Quesnay, quanto para o plagiador de Quesnay, Adam Smith, é o culto bogomilo neomaniqueísta, os inventores da camisinha e mais popularmente conhecidos como “os chatos”, que se alojaram em duas regiões da França, as montanhas do Sudoeste e ao longo do Ródano, do lago de Genebra até o Mediterrâneo. O argumento usual em favor do “livre comércio”, até os representantes modernos da Sociedade Monte Pèlerin e os círculos de Pat Robertson, Jerry Falwell e Mark deMoss, é uma cópia direta do argumento dos bogomilos sobre os sinais de escolha dos membros “eleitos” do culto.

38. Cf. “Tweedledum Goofs Again”.

presidente Abraham Lincoln e o estado-títere britânico conhecido como Confederação é uma expressão perfeita desta questão.

Como enfatizado em outros escritos, a qualidade excepcional e superior do projeto apresentado na Declaração da Independência dos EUA, de 1776, e na Constituição Federal de 1787-1789, é um reflexo da circunstância histórica de que a Europa pós-Liga de Cambrai continua, até hoje, sendo caracteristicamente uma forma corrompida de Estado nacional. Nesta forma, uma das duas classes dominantes da sociedade feudal, uma oligarquia financeira do que tem sido chamado, desde o século 17, de “Partido Veneziano”, “oligarquia anglo-holandesa” e, mais recentemente, “Clube das Ilhas”, “Fundo Mundial para a Natureza (WWF)” etc., tem geralmente ocupado as posições de máxima autoridade sobre os governos e economias nacionais. Embora os EUA tenham sido contaminados com esporos dessa matéria decomposta oligárquica, com os nossos traficantes de ópio da Nova Inglaterra, os nossos banqueiros de Nova York e os nossos escravocratas sulistas, o nosso princípio constitucional era de tal superioridade moral em relação a qualquer outro Estado nacional estabelecido nos tempos modernos, que conseguimos até agora emergir, cedo ou tarde, renascidos de cada período prolongado de corrupção pela influência das nossas próprias classes oligárquicas domésticas³⁹. Deste ponto de vista, não fomos uma exceção às melhores correntes de dentro da Itália, França, Alemanha e outros países. Os níveis mais elevados foram atingidos por admiradores da nossa luta republicana e de língua alemã, como Friedrich Schiller e Ludwig van Beethoven. Na verdade, exatamente, essas melhores correntes daqueles países forneceram a maioria do núcleo fundador de nossa cidadania. A diferença é que usamos a nossa distância da Europa como vantagem constitucional, tornando-nos assim a primeira forma de Estado nacional moderno a ganhar a liberdade de ser fundado com base num princípio moral consistente. Isto, e somente isto, representa a nossa superioridade excepcional como forma de Estado nacional. Esta é a única razão para a persistência renitente do papel permanente da monarquia britânica, desde 1714, como o principal e mortal adversário de nossa república. O fato é que, como muitos estadunidenses tolos demonstram, a oligarquia britânica nos vê com inimizade ainda maior e mais consistente do que os patriotas estadunidenses, inclusive este autor, vêm a monarquia britânica.

Isso não sugere que a monarquia dos Habsburgos do príncipe

39. Essa tese, a respeito da Europa pós-Liga de Cambrai (ou seja, após 1610), está desenvolvida em diversos escritos, inclusive em “Tweedledum Goofs Again”, referido acima.

Clement Metternich fosse menos fervorosamente inimiga dos Estados Unidos do que a Grã-Bretanha de Bentham, Castlereagh, Canning e Palmerston. Provavelmente, deixando de lado um número significativo de exceções mais felizes, como o marquês de Lafayette, o imperador José II e o aluno de Beethoven, arquiduque Rodolfo, a aristocracia fundiária européia continental, considerada como classe, foi melhor representada pela polícia secreta dos chanceleres austríacos como Wenzel von Kaunitz e Metternich, o proxeneta oficial do Congresso (sexual) de Viena, de 1814 ⁴⁰. Esta classe era em geral mais embrutecida do que os britânicos. A diferença é que a aristocracia rural das regiões do Sul da Europa e dos EUA era uma espécie em extinção, um grande contratempo para a segurança dos Estados Unidos durante a primeira metade do século 19, pouco potente a longo prazo, mesmo então.

Como este autor tem enfatizado reiteradamente, a diferença entre os patriotas estadunidenses na tradição de Franklin e Lincoln e as classes dirigentes britânicas e seus lacaios, nada mais é do que uma diferença inconciliável a respeito dos conceitos de Deus, homem e natureza ⁴¹. O racismo sórdido, hitleriano de Russell, expresso em propostas de genocídio, ou a ser realizado com recurso a meios que ele próprio chamava de métodos malthusianos “horrríveis”, incluindo a guerra bacteriológica, expressa este abismo moral intransponível entre as nossas respectivas formas de governo.

Para fazer um resumo necessário de nossa argumentação a esse respeito tão breve quanto possível, o leitor deve consultar as histórias encantadoras de Jonathan Swift n’*As viagens de Gulliver*, de 1726. É

40. A polícia secreta (*Geheimpolizei*) austro-húngara, que dirigiu operações políticas contra pessoas como Wolfgang Mozart e Ludwig van Beethoven, era notoriamente mais afinada com o concílio de príncipes do Sacro Império Romano, dominado por Veneza, do que com a casa real de Habsburgo. Em geral, o chanceler era mais íntimo daquele corpo de príncipes do que seu imperador. Assim, os alvos de assassinato político sob von Kaunitz tendiam a ser os círculos associados com o falecido imperador José II, como Mozart e seus amigos. O escândalo em torno de Anton Schindler e os livros de conversação expôs o fato que Beethoven, apesar de sua associação íntima com a família imperial, também foi seguido pela *Geheimpolizei* de Metternich. A designação de “proxeneta” a Metternich é historicamente precisa. Metternich e sua *Geheimpolizei* conduziram o Congresso de Viena principalmente nos leitos, onde o lazer das celebrações presentes com condessas e camponesas escolhidas foi organizado por Metternich e a qualidade do entretenimento proporcionado foi cuidadosamente supervisionada e documentada pela polícia secreta.

41. P. ex., Lyndon H. LaRouche Jr., “What Economics Must Measure”, *Executive Intelligence Review*, 28/11/1997.

preciso deixar de lado o preconceito de que tratam meramente de histórias infantis. São, principalmente, sátiras políticas sobre a condição das Ilhas Britânicas no reinado de Jorge I. A mais relevante delas é a história da visita do fictício Lemuel Gulliver ao reino dos Houyhnhnms, no qual descendentes de cavalos nobres reinavam sobre humanóides bitolados chamados Yahoos, que se tornaram privados de moral e da fala ⁴²: um quadro fiel dos aristocratas e classes inferiores das Ilhas Britânicas daquele tempo. É importante ressaltar que esta é também uma boa sátira da depravação do século 18, à qual retornou a população britânica desde a deflagração das pestilências conhecidas como governos de Harold Wilson e Margareth Thatcher.

A principal expressão prática da questão subjacente à incurável hostilidade entre os patriotas dos EUA e a atual oligarquia britânica é representada pelos temas interrelacionados da educação popular, emprego popular e padrão físico do padrão popular de renda doméstica. Em resumo: se cada homem e mulher foram feitos igualmente à imagem de Deus, em virtude dos potenciais cognitivos soberanos da mente individual, por meio dos quais o homem aumenta o poder da nossa espécie sobre a natureza, por intermédio de novas e validadas descobertas de princípios físicos, então, a educação, o emprego e as condições de vida da família e da comunidade devem ser correspondentemente ordenadas.

Numa sociedade dessas, assim definida pela nossa leibniziana Declaração da Independência de 1776 e o Preâmbulo da nossa Constituição Federal de 1789, não pode haver classes sociais superiores, nem qualquer instituição por meio da qual qualquer forma de usura – usura financeira ou escravidão – seja permitida como meio para que um grupo de pessoas possa subjugar ou de alguma forma espoliar um outro. Cada personalidade recém-nascida precisa ser cultivada ao máximo grau possível no desenvolvimento dos poderes cognitivos que definem cada uma delas como constituída à imagem de Deus. A cada uma delas devem ser proporcionadas, na medida do possível, as oportunidades de emprego útil que sejam consistentes com tais poderes cognitivos desenvolvidos. Cada família e comunidade dentro da sociedade precisa ter as oportunidades que sejam consistentes com estes requisitos.

Tampouco, podemos desejar esse estado de coisas naturalmente ordenado somente para a nossa nação. Não podemos nos contentar com

42. Nos EUA de hoje o “yahoo” é mais facilmente reconhecido pelo grito de confraternização da tradição confederada querida de Nashville, os Agrários do Tennessee.

isto, a menos que trabalhemos para garantir os mesmos direitos para toda a Humanidade, para todas as nações.

Nesses dois pontos, despedimo-nos do nosso inimigo mais tradicional, a oligarquia financeira britânica à moda veneziana e seu instrumento representativo, a monarquia imperial.

Com freqüência, coloca-se então a questão: “não podemos persuadir infelizes como o pobre lacaio H.G. Wells de que desejamos o melhor no interesse dos indivíduos humanos?” “Os britânicos não podem entender que o que mais desejamos para eles é que possam desfrutar a mesma pré-condição de felicidade que defendemos para a nossa própria nação?” Por que não? Talvez, um infeliz como Bertrand Russell pertença à classe criminoso que lealmente seus títulos e sua aparência definem, mas o que dizer do pobre cidadão britânico comum, ou alguém de circunstâncias desprezíveis: por que ele ou ela não poderiam ver a sabedoria de abandonar a política há muito estabelecida de sua nação, de destruir as liberdades de seu próprio povo?

Com essas perguntas, toca-se na existência de um princípio do mal, como o que mantinha o pobre soldado confederado quase numa condição de escravidão e analfabetismo equivalente à dos próprios escravos afro-americanos. Por que deveria ele lutar pela causa de seu verdadeiro opressor? Como pode existir um desgraçado como o lacaio H.G. Wells? Este responderia assim: “Eros!” O amigo de William Shakespeare, Christopher Marlowe, escreveu elegantemente sobre isto no seu *Dr. Fausto*. O Satã de John Milton, como Bertrand Russell, preferia reinar no inferno do que servir no céu. Wells, como Adolf Hitler, outro da mesma laia, preferia ser o lacaio de Satã no inferno do que ser um cidadão no céu. Em ambos os casos, Russell e Wells tiveram sucesso. Eles não serão trazidos de volta, nem provavelmente ninguém desta laia. Eles foram destruídos pela cultura da qual são parte.

Isso deveria ser um lembrete para os que relutam em abandonar os trejeitos adquiridos na contracultura da juventude de 1964-72. A História é constituída de forma que as culturas ruins tendem a se eliminar, ou pelo menos se enfraquecer bastante. Embora fossem necessários vários milhares de anos para esmagar a cultura semita degradada que se desenvolveu na Mesopotâmia, quando o golpe crucial foi finalmente desferido por Alexandre Magno, o caminho estava aberto para o papel que o cristianismo começou a desempenhar apenas três séculos depois. A arqueologia e os estudos correlatos nos avisam que é pelo enfraquecimento de uma cultura ruim - que, caso contrário seria um obstáculo para o aperfeiçoamento humano - que a Humanidade tem

progredido. Assim, se não nos livrarmos voluntariamente de uma cultura ruim, como esta da contracultura de 1964-72, que levou a Civilização para o atual colapso sistêmico, aquela geração, que agora ocupa posições de poder, bem como seus filhos e netos, pagarão o preço horrendo sofrido por qualquer cultura cujo virtual extermínio seja um pré-requisito para o avanço do progresso humano. Da mesma maneira, se permitirmos que a causa britânica, representada por Wells, Russell e outros, continue a dominar o curso da História atual, nós e a nossa posteridade seremos logo destruídos, na medida em que os níveis de população global forem reduzidos por meio dos “quatro cavaleiros do Apocalipse”, até um nível não superior a algumas centenas de milhões de pessoas, vigente na Europa do século 15.

A questão central de todo conhecimento humano até hoje é a questão essencial que leva todo patriota dos EUA a reconhecer o sistema oligárquico britânico como o primeiro, permanente e principal adversário de nossa república; é a do estabelecimento de uma forma de sociedade consistente com o potencial cognitivo inato de todos os indivíduos humanos. O problema é eliminar todas as expressões de sociedade hierarquizada, na qual os que estão por baixo servem virtualmente como gado humano para o nobre ou financista que está por cima.

O que move um Russell não é tanto o desejo de explorar, mas o de ter o status de explorador. O que move um Wells ou um Henry Kissinger é, da mesma forma, a paixão de ser um laçai, em vez de viver em um mundo onde os laçaios não gozem dos privilégios que acompanham o patrocínio de uma oligarquia. Há, como o atestam os casos dos apelos sexuais públicos de Russell e Wells, algo de freudiano ou similar em degradação, nas motivações primárias deste tipo desprezível de inglês – e outros como eles. De fato, toda a história do empiricismo é uma história de erotismo degradado. Não simplesmente de hábitos sexuais exóticos, conquanto estes abundem, mas eróticos no sentido mais inclusivo de colocar a experiência sensória-perceptiva de dor-prazer intensos no nível mais alto de paixão motivante. Um caso exemplar é a condição de estupro homossexual na sujeição do escravo pelo patrão. Não somos governados pelos nossos interesses objetivos, mas pelas nossas motivações S e paixões⁴³. A citação da queixa de Russell, de que “é difícil sentir-se à

43. Ver Helga Zepp LaRouche, “How Aesthetical Education Determines the Moral Character”, *The New Federalist*, 15/9/1997; palestra proferida na reunião semestral do Instituto Schiller, em Reston, EUA, no outono de 1997. Friedrich Schiller, ao inovar em 1793 o que se tornou a filosofia das reformas educacionais clássico-humanistas

vontade num mundo de supremacia estadunidense” resume bem o assunto. O tipo de sociedade republicana representada pelos EUA em seus melhores momentos é um tipo de sociedade na qual um Russell perde o seu desejo de viver. Então, ele precisa destruir esse tipo de sociedade. É um motivo bem simples. Wells deseja ser um mordomo de Russell; um mundo sem Russells, Milners e outros é um mundo que não traz prazer a Wells, um mundo no qual ele não gostaria de viver. Ele também precisa destruir este tipo de sociedade.

O fascínio macabro da oligarquia britânica pela persistência da Revolução Americana a impeliu a olhar mais detidamente para este fenômeno. Em vez de, simplesmente, tentar esmagar a existência dos Estados Unidos, ela pensou em extirpar a muda, destruir a semente e salgar os campos, de modo que este planeta pudesse estar “imunizado” contra um novo crescimento desta planta indesejada, de uma vez por todas. Para conseguir isto, a Grã-Bretanha precisa eliminar a existência das instituições das quais depende a existência da civilização européia moderna. Precisa voltar o relógio da História, correspondentemente. Precisa eliminar o Estado nacional, retornar a uma espécie de *Pax Romana* global, ou a um “governo mundial” que se aproxime disto. Precisa erradicar as formas econômicas que dependem do desenvolvimento dos processos cognitivos da população geral. Precisa criar um mundo governado pelos descendentes de cavalos mostrados na sátira de Swift, um mundo no qual as massas analfabetas sejam distraídas, como proposto por Wells ⁴⁴ e pelo lorde William Rees-Mogg, unindo-se em moitas e valas, quando não estejam completamente ocupadas com tarefas serviços do tipo que virtualmente um animal poderia fazer ⁴⁵. Assim, os antigos

alemãs, de seu amigo e seguidor Wilhelm von Humboldt, enfatizou que a degeneração da Revolução Francesa de 1789 no terror jacobino refletia uma derrota moral da população francesa. Este perigo, prevenia, precisa ser remediado reconhecendo o papel vital das formas clássicas de composição artística na educação moral das paixões populares. Assim, hoje em dia, a quase destruição da cultura artística clássica na população dos EUA e sua substituição pelas expressões mais degradadas dos deleites dionisíacos é a principal ameaça à segurança interna e existência permanente da nossa república.

44. Lá pelo fim do ano acadêmico de 1939-40, o conde Bertrand Russell foi convidado a ser professor da Faculdade Municipal de Nova York. Uma mulher cuja filha freqüentou a faculdade deu queixa contra a Prefeitura de Nova York, alegando que a contratação de Russell seria perigosa para a virtude de sua filha. O advogado da queixosa considerou os trabalhos de Russell como “luxuosos, libidinosos, venéreos, erotomaníacos, afrodisíacos, irreverentes, estreitos, mentirosos e destituídos de fibra moral”. Um juiz municipal julgou a favor da queixosa, contra a contratação do Conde Bertrand Russell para a Faculdade Municipal.

parceiros do legado de Lincoln - França, Alemanha, Rússia, Japão e outros - foram atirados uns às gargantas dos outros na Primeira Guerra Mundial. Não foi suficiente. Algumas nações sobreviveram entre os vencedores! Pior ainda, os odiados EUA! Tentemos novamente, coloquemos Hitler no poder na Alemanha e, logo, teremos outra guerra maravilhosa no continente! Ainda não foi bom - as nações vitoriosas ainda existem. Tentemos as armas de fissão nuclear e aticemos um contra o outro os maiores vitoriosos, os EUA e a URSS. "Conosco estarão os ingleses mandando nos dois lados". Stálin é um problema: como disse Russell, neste período, este é um problema médico que pode ser resolvido adequadamente, para que possamos negociar melhor com os sucessores que pensamos estar esperando na manga do colete. O companheiro de discussões de Russell, Khrushchov, vai cooperar. Deixaremos as potências de joelhos, por puro terror de chegar à beira da guerra nuclear total! Então, elas implorarão pelo governo mundial. Aí, venceremos ⁴⁶. Assim, a partir de 1964, jovens estudantes universitários de cultura cada vez mais duvidosa começaram a imitar os Yahoos no cio da fábula de Swift, nos corredores, porões e moitas dos *campi*. Alguns desafiavam: "O que importa a realidade?" As vozes das moitas retrucavam: "Não entremos nesta!" Podia-se imaginar ouvir Wells gargalhando em sua sepultura: "Em um mundo onde a pressão pelos meios de subsistência era uma condição normal de vida, foi necessário compensar a remoção das barreiras sexuais tradicionais e, assim, a minha defesa em prol de fazer o amor simples e facilmente teve de ser suplementada por uma adesão à propaganda dos neomalthusianos."

45. Ver lorde William Rees-Mogg, no *Times* de Londres, 4/1/1995: "É a elite que conta; no futuro, a Grã-Bretanha deve se concentrar na educação dos 5% superiores, de cujo sucesso tudo depende."

46. No início de 1950, por intermédio de sua apologia da "guerra preventiva" contra a União Soviética e da criação do "governo mundial", Russell declara em sua autobiografia que "(...) eu tinha me tornado tão respeitável aos olhos do *Establishment* que se dizia que eu mereceria a O M (Ordem do Mérito, a maior honraria militar). Isto me deixou muito contente, pois, embora deva confessar que isto surpreenderia muitos ingleses e a maior parte do *Establishment* inglês, sou apaixonadamente inglês e venero uma honraria concedida a mim pelo chefe de meu país. Tive de ir até o Palácio de Buckingham para sua concessão oficial." O conde Russell nota que, durante a investidura, o rei Jorge VI fez comentários favoráveis a seu primo, lorde Portal, que era o único possuidor da ordem de Cavaleiro da Jarreteira e da Ordem do Mérito.

Núcleos e geopolítica

Para se entender a maneira como as imagens associadas aos escritos do laiaio propagandista H.G. Wells, no período 1901-28, poderiam se tornar, como efetivamente se tornaram, as características de crença prevalentes na população estudantil universitária do período de 1964-72, precisamos entender como funciona a moderna civilização européia. Em outras palavras, precisamos identificar os mecanismos por meio dos quais uma população basicamente inocente é soterrada tão sutilmente, ou mesmo abruptamente, sob uma nova mentalidade, de um modo tal que, posteriormente, ela mal se dá conta do fato e pode até negar veementemente que a sua mentalidade tenha sofrido uma alteração induzida com esta finalidade. Em outras palavra, somos obrigados a examinar a História da mesma forma que devemos estudar qualquer ramo da ciência física.

Décadas atrás, este autor, então dedicado à consultoria em vários ramos industriais, ficou impressionado com as implicações de algo que a maioria dos gerentes e administradores de empresas importantes pareciam, à época, simplesmente considerar incontestavelmente como um cruel fato da vida dos negócios. Numa época em que os rudimentos da sociedade industrial bem sucedida eram geralmente bem conhecidos, um dos fatos mais interessantes e importantes a respeito da produção é que era possível prever, mesmo anos antes, uma mudança geral no gosto popular por produtos e seus projetos. Nós, que precisávamos levar em conta o fato das mudanças no gosto do consumidor para tratar dos próprios processos produtivos, precisávamos nos perguntar como seria possível que os executivos que planejavam os novos projetos dos produtos que surgiriam apenas alguns anos mais tarde, pudessem efetivamente prever quais seriam os gostos do público. Durante o início da vida adulta deste autor, este era o problema característico da indústria de vestuário. O aspecto peculiar da ascensão da General Motors de Wall Street, contra as filosofias industriais de Henry Ford e Walter Chrysler, foi a imitação pela General Motors das práticas da indústria de vestuário de Nova York. Como, por exemplo, podíamos prever o que mulheres típicas, em estratos sociais determinados, prefeririam como mudança de moda, não apenas meses, mas anos depois? O que este fenômeno diz sobre a mente humana, a formação de opinião destes consumidores? O que isto nos diz sobre a manipulação da opinião pública em geral?

Essa mesma questão diz respeito à capacidade dos britânicos de

prever as mudanças induzidas no paradigma cultural que eles e seus confederados promoveram nas tendências hegemônicas entre as populações estudantis universitárias de 1964-72. Não era exatamente algo simples como encurtar as barras das saias quase até as nádegas, mas, como H. G. Wells teria tido grande prazer em observar, havia uma ligação.

Como se poderia reconhecer a partir do estudo dos escritos do autor sobre a função da reversão temporal nos processos da economia física, essa questão toca nas questões filosóficas mais profundas e importantes a respeito da relação eficiente da Humanidade com a natureza⁴⁷. A questão assim colocada pela experiência industrial é, simplesmente, um reflexo de um domínio mais amplo: o que é a História? Não “história” como cronologia ou cronologia enriquecida com meros comentários acadêmicos, mas História viva, real, como a História se faz. Para tornar compreensível uma representação válida da ligação entre o Wells de 1901-28 e a população de *baby-boomers* universitários de 1964-72, as seguintes considerações sucintas são indispensáveis.

Quando alguns de nós éramos crianças e adolescentes, a idéia crua da História nos impactava a consciência principalmente de duas maneiras: a genealogia viva na qual se situava a nossa existência e a antiguidade do processo de emergência e desenvolvimento da língua que utilizamos⁴⁸. Na época deste autor, assim como para as gerações antecedentes, estas duas impressões convergiam num efeito relativamente mais forte à medida que nos aproximávamos da adolescência e ficávamos expostos, naquela época, não apenas às línguas estrangeiras, mas à importância que se dava ao estudo do latim e do grego clássico. A época de manifestação de tal efeito em cada um de nós tinha a ver com o nosso sentido de evolução da ciência física e matemática desde as suas origens, há mais de dois mil anos. A tentativa de juntar de alguma forma coerente estas três considerações - genealogia, língua e a transmissão de um corpo

47. Ver, por exemplo, *Executive Intelligence Review*: “The Essential Role of ‘Time-Reversal’ in Mathematical Economics”, 11/10/1996; “What Economics Must Measure”, 28/11/1997. Ver também “The Classical Principle in Art and Science”, *Fidelio*, Winter 1997.

48. Por exemplo, os avós deste autor nasceram na década de 1860. Durante a infância, na década de 1920, o autor chegou a conhecer pessoalmente um bisavô. O ancestral materno mais famoso, o abolicionista quacre e chefe de estação da “ferrovia subterrânea”, Daniel Wood, do condado de Delaware, Ohio, foi um contemporâneo de Abraham Lincoln. Agora, estamos perto do final deste século e Daniel Wood nasceu no século anterior. Assim, um período de quase dois séculos estava representado na conversa da refeição doméstica dos avós maternos. Este mesmo princípio se estende às famílias dos nossos conhecidos. Desta forma, ganhamos uma intimação para preencher algum lugar necessário numa “simultaneidade da eternidade”.

de idéias científicas em desenvolvimento - é a base rudimentar para um estudo moderno da História humana.

O objetivo disto é a premência de libertar a Humanidade do hábito de nossa espécie, infelizmente bastante enraizado, de seguir cegamente as mudanças atuais na opinião pública, um hábito de ver as opiniões impressas em nós em nosso papel de vítimas como dons sagrados, inquestionáveis, de deuses pagãos, de algum *Weltgeist*, *Zeitgeist* de Hegel ou Savigny, ou *Volkgeist* ⁴⁹, no caso, do tipo mais deplorável de idiota, o populista ⁵⁰. Há algum princípio compreensível da Razão que devemos observar como a métrica inerente à ciência da História? Há um princípio de ordem compreensível subjacente ao que a mente socraticamente autocrítica e bem informada poderia desejar identificar como "História"?

É claro que há: este é o assunto ao qual este autor dedicou a maior parte de sua vida adolescente e adulta - a natureza do progresso humano enquanto mensurável nos esforços da espécie humana geralmente bem sucedidos para aumentar o poder sobre o Universo. Em outras palavras, mensurável no sentido dos processos subjetivos de descoberta válida de novos princípios, por meio dos quais a Humanidade aumenta o poder per capita de nossa espécie sobre o Universo. Isso levou este autor, relativamente cedo na vida adulta, a focalizar seus esforços de vida na expansão das descobertas na ciência da economia física de um admirável Leibniz. Entretanto, a economia é somente uma faceta e reflexo do processo mais geral de prática das idéias, uma prática do relacionamento total da Humanidade com o Universo, um relacionamento total melhor exemplificado pelas realidades da economia física. Sob este ponto de vista, pode-se identificar o que deveriam parecer pistas bem óbvias de tais mecanismos, por meio dos quais a influência de um publicitário do período 1901-28 poderia ter-se tornado a ideologia predominante entre uma população de estudantes universitários de 1964-72.

49. Respectivamente, espírito universal, espírito do tempo, espírito popular (N.T.)

50. Esses três tipos intimamente relacionados de irracionalismo romântico representam, basicamente, um presente de loucos neo-aristotélicos como Immanuel Kant, G.F. Hegel e Metternich, além do cúmplice na Universidade de Berlim pós-Congresso de Viena do filósofo oficial prussiano Hegel, Karl F. Savigny. Como o dogma axiomáticamente irracional do livrecambismo liberalóide, estas idéias românticas surgiram das páginas das três famosas *Críticas* de Kant: imputem-se à História alguns princípios incompreensíveis de ação e um princípio místico impermeável à razão, que deve ser obedecido simples e cegamente como "tendências atuais da opinião pública". Isto, naturalmente, era a hipótese essencial subjacente ao fascismo em geral e ao nazismo em particular. É também conhecido atualmente em certos lugares, como na Universidade da Pensilvânia, como o "politicamente correto".

Como enfatizado na maioria dos escritos deste autor sobre economia física e assuntos correlatos, o relacionamento da Humanidade com o Universo e com nossa própria espécie não tem nenhuma semelhança com o de qualquer outra espécie viva. O relacionamento distinto – “ecológico”, vá lá – do homem com o Universo é o poder crescente do homem com o Universo. Este poder se situa na maneira pela qual os potenciais cognitivos soberanos, inatos e apropriadamente desenvolvidos da mente humana individual descobrem princípios novos e válidos do Universo, tanto princípios físicos quanto os que governam este notável potencial subjetivo dos próprios processos cognitivos humanos individuais. Em resumo, a História é uma história de seqüências ordenáveis de descoberta e prática de idéias, no sentido especificamente platônico e anti-empirista de idéia ⁵¹. Nós, enquanto membros da cultura européia, precisamos primeiramente dominar a história da nossa própria cultura, a partir de dentro. Só depois que tivermos aplicado o método socrático para desentocar as hipóteses escondidas e usualmente perversas que se escondem em nossas próprias crenças ingênuas, teremos estabelecido os fundamentos intelectuais para examinar o processo histórico de uma forma mais geral, a competência para fazer julgamentos sobre culturas diferentes da nossa, a competência que é típica da verdadeira ciência, capaz de tudo julgar. O início da civilização européia é a emergência da cultura grega clássica, exemplificada pela passagem dos épicos homéricos até Sólon, as grandes tragédias clássicas e os fundamentos da civilização moderna fornecidos por Platão, até o trabalho da Academia de Platão, um ou dois séculos após a sua morte. A essência deste processo de desenvolvimento interno inicial da civilização européia é a imagem grega de Prometeu, imagem caracterizada pela obra de Ésquilo.

Assim vista, a cultura grega clássica é um processo de libertação dos gregos da submissão ao poder assumido pelos deuses pagãos, um processo de libertação da Humanidade de qualquer noção de que a espécie humana seja algo menor do que a existência mais nobre e bela de toda a Criação conhecida. Há uma conexão deste gênero entre o Ulisses da *Odisséia* de Homero e o Prometeu do *Prometeu acorrentado* de Ésquilo. Este está pronto para suportar o tormento eterno, por fazer segredo do fim previsível e auto-induzido de Zeus e de seus companheiros divinos do Olimpo, um segredo que Prometeu mantém para que a nobre espécie humana pudesse, enfim, se libertar do domínio mental por aqueles deuses

51. Vide referências dadas na nota precedente.

pagãos do mal.

Assim, como descrito em *Atos 17:22-23*, o apóstolo Paulo chega ao lugar em Atenas dedicado ao “Deus Desconhecido” e diz: “(...) achei também um altar em que estava escrito: Ao Deus Desconhecido. Ora, este que vós honrais sem conhecer é o que eu vos anuncio.”⁵² Assim, a missão de Jesus Cristo foi expressa na prática, pela primeira vez em toda a existência humana conhecida, como o estabelecimento de uma igualdade e unidade universal de toda a Humanidade, uma igualdade baseada nada menos do que na consideração do fato de que cada homem e mulher representa a criatura mais nobre do Universo, porque constituída à imagem cognitiva de Deus, uma criatura por natureza amada por Deus, para exercer o domínio sobre este Universo. A posse pelos apóstolos cristãos das mais ricas contribuições da cultura clássica grega como o paramento mais adequado do cristianismo em sua missão contínua neste mundo, assim como a luta do cristianismo contra a Roma conhecida como “Babilônia” ou a “Prostituta da Babilônia”, é o tema central do desenrolar da história da civilização européia desde o dia em que o apóstolo Paulo esteve sobre a colina de Atenas.

Entretanto, até o desenlace das sessões de 1439-40 do grande concílio ecumênico de Florença, não havia nenhuma forma de sociedade consistente com tal princípio cristão. Mais de 90% da população de cada nação vivia no estado de gado humano ou na situação oligárquica depravada de brutais boiadeiros humanos. O homem constituído à imagem de Deus não tinha direitos reconhecidos sob Diocleciano ou seus sucessores de Bizâncio ou da Europa Ocidental feudal. O princípio que, até hoje, o Preâmbulo leibniziano da Constituição dos EUA representa com uma aproximação excepcionalmente boa, é um exemplo do que os fundadores do Concílio de Florença pretendiam com o seu patrocínio da primeira aproximação de uma forma cristã de sociedade, a França reconstruída sob o reinado de Luís XI.

Essa é uma forma de sociedade na qual a responsabilidade do Estado pela promoção dos direitos naturais de todas as pessoas, enquanto tal, era, pela primeira vez na História, colocada acima e em oposição aos

52. Cf. Lyndon H. LaRouche Jr., “Whose God does Pat Robertson Serve?”, op. cit. Não por acaso, a colina na qual o Apóstolo decidiu falar, o Areópago, teve sempre a fama de estar associada com as reformas de Sólon, que salvara Atenas de sua autodestruição, em 594 a.C., e com a tradição Sólon-Ésquilo-Platão desde então. Na tragédia clássica, Atenas criou o tribunal do Areópago para desatar o nó sangrento do assassinio e vingança no clímax da trilogia da Orestéia, dizendo “eu estabelecerei esta lei para todo sempre” (*Eumênides*, linha 484).

direitos feudais dos oligarcas donos de terras, financistas e seus lacaios. Uma vez que Luís XI não tinha o poder de eliminar os oligarcas, ele se colocou como representante do Estado soberano, acima deles e, portanto, em virtude da responsabilidade de princípio do Estado soberano, tornou-o em seu reino um agente eficiente daquele princípio cristão, em contraste com o princípio pagão intrínseco às formas feudais da sociedade.

Isso implica um corolário, um ponto que podemos estar certos de que Luís XI teria reconhecido como uma medida da obra incompleta de seu reinado. O problema essencial da civilização européia moderna é que ela ainda tem de se livrar da herança institucional do que os apóstolos cristãos corretamente denominaram a “Prostituta da Babilônia”, a Roma latina, imperial e burocrática de César Augusto: da forma pagã de burocracia estatal. Eis aí a chave da transmissão das fantasias de Wells de 1901-28 para o código comportamental dos estudantes universitários da “mudança de paradigma cultural” do período de 1964-72.

Esse aspecto, tal como codificado por Diocleciano, persistiu no mal inerente a Bizâncio. Essa burocratização imperial romana se expressa, intencionalmente, na burocracia permanente do serviço público da Monarquia britânica. É uma tradição de corrupção imperial pela burocracia, que uma cria anglófila da Confederação, o presidente Grover Cleveland, incentivou nos Estados Unidos, com o nome abusado de “reforma”. Ela representa o lado podre das nossas instituições republicanas, uma imitação da burocracia permanente do serviço público britânico, que degenerou na burocracia dominante na esfera federal e judiciária dos EUA de hoje ⁵³. Esse papel permanente das burocracias e judiciários burocratizados, imitando o princípio da burocracia imperial romana de César Augusto, é uma falha crucial e penetrante nas instituições da moderna civilização européia, em nível mundial. O cerne do problema da prática administrativa assim ordenada é a existência de sistemas de regras que não reconhecem nenhum princípio mas têm, pelo contrário, a natureza dos termos de um contrato comercial, ou o que alguns teólogos terrivelmente equivocados e outros identificam como uma “aliança”.

Isso, naturalmente, é diretamente contrário a todos os princípios cristãos, como o célebre *I Coríntios 13* de Paulo exemplifica a questão. A

53. Como observado e discutido em diversas publicações, o juiz da Suprema Corte Antonin Scalia representa com seu padrão de decisões exatamente esse tipo de lei romana de Savigny, Carl Scgmitt *et alii*, o que ecoa as piores características de Roma. Cf. Lyndon H. LaRouche Jr., “Michel Novak, Calvinist? – Not by the Marketplace Alone!”, *Executive Intelligence Review*, 4/4/1997.

qualidade que identifica a pessoa constituída à imagem de Deus é identificada por Platão e pelo apóstolo Paulo como ágape. O ágape é expresso em Platão como a paixão pela verdade e justiça, como o princípio cognitivo governante, a qualidade informada da paixão que guia os processos cognitivos e a vontade de ação da pessoa. É assim com o apóstolo Paulo e o Evangelho de João.

Quando um corpo de leis é inspirado por essa paixão, podemos falar de “lei natural”. Por “lei natural” deveríamos querer referir o impacto de uma paixão pelo homem suficientemente “agápica”, como a vida sagrada de um ser constituído à imagem cognitiva de Deus, uma visão da natureza humana que deve inspirar os processos cognitivos de administração da sociedade, especialmente as funções associadas à justiça. É esta concepção do homem que deve ser oferecida em todos os conflitos legislativos e outros a respeito da lei positiva: “Esta decisão coincide com os requisitos que uma noção ‘agápica’ da pessoa individual impõe implicitamente à sociedade como um todo?”

Essa era a concepção de lei de Abraham Lincoln, expressa em todos os assuntos principais tratados pela sua Presidência. Nenhuma concepção assim é encontrada entre os representantes da filosofia governamental de seus adversários oligarcas daquele tempo - nenhum dos seguidores de John Locke, como os escravocratas sulistas, os banqueiros de Nova York - como os traidores do Banco de Manhattan, Aaron Burr e Martin van Buren, ou o traidor August Belmont -, ou as famílias da Nova Inglaterra, traficantes de ópio para a Companhia das Índias Orientais britânica. A preocupação central de Lincoln era garantir a existência e durabilidade daquelas qualidades da instituição, especialmente da soberania nacional, sem as quais a liberdade humana e os direitos naturais do homem não podem existir. Esta noção de instituições essenciais era governada pela noção cristã de lei natural, de ágape. Entre os seus oponentes e rivais oligarcas, não havia princípios, apenas contratos comerciais cognitivamente estéreis, meras alianças.

A característica de uma noção positivista de “lei contratual” é uma indiferença para com a existência de tal princípio de lei natural. Para a lei meramente positiva, ou direito romano, uma intenção declarada ou ao menos implícita, estreitamente putativa, absoluta ou relativamente, é atribuída ao texto literal, um texto lido de forma semelhante a um contrato comercial babilônico. Hoje, a prática dominante, como na escola de direito romântica dos nazistas, é o que a burocracia ou a justiça percebem como tendências contemporâneas de opinião - isto é, o *Volkgeist* dá a interpretação do texto legal, tornando-se assim um

substituto depravado, erótico, de todo princípio da lei. Sob o impulso destes travestis burocráticos e judiciais, não há previsão para a existência de direitos reais da pessoa individual sob a lei.

É pela mesquinhez de algumas almas equivocadas, inclusive, talvez, a maioria da opinião popular ignorante que reina nas mais altas tribunas e alhures, nos EUA de hoje, que a lei meramente positiva é apenas “objetivamente” indiferente às questões levantadas pelo ágape. Indiferente? Sim, exatamente, tanto quanto o desprezível Guilherme de Occam era indiferente, como os padrões empiricistas de Adam Smith, os mercadores de escravos e drogas da Companhia das Índias Orientais britânica, eram indiferentes aos princípios, como Bernard Mandeville era indiferente aos princípios, como o *laissez-faire* de François Quesnay exprimia a sua absoluta hostilidade de “frondista” à moralidade. Esta indiferença não é para “deixar de fora”, “excluir”, “negar” as considerações que são a vítima da indiferença? Não podemos falar do assassino como uma pessoa cujas ações seriam indiferentes ao princípio do direito humano à vida do indivíduo? O que diríamos de um homem que professasse: “Simplesmente, não desejo respirar”? A indiferença significa, neste caso, exclusão, significa negação, significa lei ilegal, como o direito romano, como a primazia da multidão no *Volksgeist* de Savigny, Carl Schmitt e o juiz nazista Roland Freisler, como a lei popular da arena romana de Nero.

Ao restabelecer tal tradição burocrática na administração dos negócios públicos nos Estados Unidos, cerceamos o cidadão individual com a negação da sua humanidade. A lei positiva e as respectivas regras do jogo infantilmente burocráticas têm sido axiomáticamente cegas à qualidade essencial da pessoa individual - elas negam a cada uma destas pessoas o seu direito mais essencial, o direito de ser humano no sentido que o cristianismo reconhece o potencial cognitivo soberano de cada pessoa como um ser constituído à imagem de Deus.

De maneira correlata, ao destruir a prática das formas de cultura clássica que expressam o ágape, substituindo-as por lazer baseado em princípios eróticos, ou mesmo abertamente satânicos, transformamos muitas das mais nobres criaturas nas formas de degenerados que chamamos de “existencialistas”, degenerados no sentido do filósofo nazista Martin Heidegger e seus comparsas degradados como Jean-Paul Sartre, Theodor Adorno e Hannah Arendt, todos degenerados morais e intelectuais no sentido do “lobo das estepes” de Hermann Hesse.

Para a pessoa comum, presa dentro da indiferença burocrática e judicial a princípios, o que isso ocasionou foi ensinar a vítima,

repetidamente, que o princípio associado com o ágape não tem o comando eficiente da sociedade dentro das regras burocratizadas nas quais a vítima caiu. O resultado desta condição prolongada, como a que a população dos EUA foi sujeita mais ou menos continuamente desde a morte prematura do presidente Franklin Roosevelt, é um processo corrosivo de declínio para o que se chama “pessimismo cultural”. Quando este mesmo processo corrosivo é agravado por uma reversão de um comprometimento prévio com o incentivo aos benefícios do progresso científico e tecnológico, que geralmente acompanha as depressões econômicas profundas e prolongadas, como na Alemanha de Weimar depois de Versalhes, o resultado é uma onda de impulsos eróticos em suas piores expressões, como Wells e Russell exemplificam a correlação entre o erotismo degenerado e a depravação cultural em todas as outras dimensões.

O veterano estadunidense da Segunda Guerra Mundial voltou ao seu país, que tinha realizado verdadeiros milagres econômicos, uma reprodução dos milagres econômicos de Carey-Lincoln, de 1861-76. Em meados de 1946, parecia a este veterano que os EUA haviam retornado à Grande Depressão da década de 1930. A súbita introdução do tema de uma guerra nuclear com a União Soviética, introduzido por Bertrand Russell e sua trupe, bem como Winston Churchill, em meados de 1946, além da eclosão, no mesmo ano, de uma “caça às bruxas política”, mergulharam a esmagadora maioria daqueles veteranos num pessimismo cultural profundo e eroticamente nocivo. Excetuando o avivamento do otimismo e da moralidade despertada pelo presidente John F. Kennedy, da geração dos veteranos, e pelo papel do reverendo Martin Luther King, que levaram às leis de direitos civis do presidente Johnson e às façanhas do programa espacial em marcha na década de 1960, não houve qualquer momento durante o intervalo 1946-66 no qual a noção de verdade e justiça tivessem um princípio de autoridade no governo ou nas relações sociais costumeiras na sociedade em geral. A fuga da verdade na década de 1950 levou à geração do “homem organizacional”, aquele que podia dizer de seu casamento o mesmo de quase tudo: “nada pessoal; só estou fazendo o meu serviço.”

A natureza e os efeitos desse processo são ilustrados pela explosão de degeneração ocorrida dentro de diversas instituições no decorrer dos anos 60, como as igrejas cristãs e a oficialidade militar. Um resumo do caso clínico de cada uma ajuda a esclarecer a maneira pela qual a propaganda de Wells no período 1901-28 emergiu entre a população estudantil que sofreu a mudança de paradigma cultural, no período 1964-72.

A guinada da sociedade verificada no período 1946-60, banindo o compromisso com a verdade e a justiça, teve um efeito monstruoso dentro das igrejas cristãs, cuja viabilidade depende inteiramente destes exatos compromissos. O grau em que as igrejas se tornaram cúmplices de tal processo, em nome do “anticomunismo”, e o respectivo grau em que elas se retiraram do mundo real e caíram num paroquialismo em relação às microrrelações sociais, esvaziou as igrejas de cristãos verdadeiramente praticantes na década de 50, o que teve reflexos ainda nos anos 60. Então, cultos pagãos novos e estranhos ocuparam o espaço vazio como “novas religiões”, não acidentalmente, “a partir de baixo”.

O assassinato do presidente Kennedy, seguido pela loucura do “Grand Guignol”⁵⁴ do Vietnã de McGeorge Bundy e Robert McNamara, destruíram o moral da oficialidade militar, tanto quanto o abandono do conceito de ágape já havia corrompido uma boa parte do clero e dos leigos de denominação cristã. A maneira pela qual o processo da *détente* foi imposto pelos efeitos da Crise dos Mísseis de 1962 e a horrenda contrafação de política militar, com McNamara no Ministério da Defesa, tudo isto ampliado com a fraude genocida da “guerra de gabinete” pós-moderna na Indochina, se refletiram nas taxas aceleradas de dissolução de casamentos observadas entre membros do oficialato e na disseminação de um profundo pessimismo cultural e corrupção moral entre os profissionais. Para suas esposas, seus filhos e eles próprios, estes profissionais não representavam mais heróis potenciais, mas mercenários em potencial ou, mesmo, na realidade.

As palavras que se ouviam crescentemente oriundas desses estratos eram: “não acredito mais.” Eles não acreditavam mais em si mesmos, nem mesmo na possibilidade da luta da existência eficiente da verdade e da justiça. Tinham perdido a paixão por tais coisas e, com isto, perdido as suas próprias almas.

Num ambiente desses, a geração chamada de *baby-boomer*, os nascidos durante a guerra ou na década seguinte, foi condicionada no intervalo 1946-62. Para a esmagadora maioria dos lares deste período, nem a verdade nem a justiça existiam como princípios efetivamente controladores do governo ou da vida privada. Assim, estes *baby-boomers* receberam o choque, primeiramente, da Crise dos Mísseis de Cuba de 1962, que levou o mundo à beira da guerra termonuclear total e, apenas um ano depois, do assassinato do presidente Kennedy. Como resultado, a

54. “Grand Guignol” era um teatro em Paris, no início do século 20, onde se encenavam peças sensacionalistas e de horror (N.T.).

partir de 1964, o moral e as morais de uma geração foram para o ralo. A visão dos “yahoos” autodrogados se esfregando pelos *campi* universitários de 1964-72 alertava qualquer pessoa sensível de que a nossa civilização tinha atingido os limites de algo que lembraria as cidade bíblicas condenadas, Sodoma e Gomorra.

A essência da degeneração moral e intelectual da geração dos veteranos da Segunda Guerra Mundial e suas famílias, no período 1956-66, foi a burocratização de cada faceta imaginável da vida, no estilo imperial romano. Houve poucos nichos, até mesmo da vida privada, que não foram invadidos e permeados por um tipo de burocratização que o protegido de H.G. Wells, George Orwell, mostrou em seu romance *1984*. Orwell usou 1984 como referência simbólica a 1948, quando o espírito do que ele descreveu naquele romance já se mostrava galopante. Neste sentido, o mundo de 1946-60 já se mostrava bastante fascista, no sentido “orwelliano” da expressão. A moralidade expressa até mesmo nas minúcias das relações interpessoais era predominantemente nociva: “hipocrisia” era o termo mais suave entre os que poderiam ser honestamente empregados para descrever a moralidade pessoal que permeava a vida naquela época. Para a vida pessoal, e também a realidade política, estava em gestação um substituto no papel florescente do lazer televisivo. Os anos 50 de Eisenhower se tornaram a época do “homem organizacional”.

Coloquemos a mesma questão de outra forma. Observemos novamente essa questão, desta vez do ponto de vista do que poderiam ter-se tornado as minhas explicações conhecidas do significado da linearização na pequena escala, com respeito às noções de ordem entrópica versus não-entrópica dos processos sociais, bem como dos processos vivos e não-vivos. Resumamos o argumento e sua implicação, como a seguir.

Tem sido repetidamente documentado que todos os ensinamentos de economia geralmente aceitos, nos livros-textos, nas salas de aula e instâncias correlatas compartilham um erro axiomático fatal e peculiar: a ilusão de que é possível obter lucro líquido econômico físico em uma sociedade considerada como um todo, sem considerar o papel dos processos cognitivos criativos da mente dos indivíduos que trabalham na agricultura, indústria e demais atividades produtivas. Com efeito, estes ensinamentos, desde Adam Smith, passando por Karl Marx e John von Neumann, não fazem nenhuma distinção funcional entre uma sociedade cujos processos empregam seres humanos e aquelas que poderiam empregar macacos⁵⁵. A prática demonstra que a rentabilidade econômica física das macroeconomias industriais modernas deve satisfazer à condição

descrita resumidamente a seguir. Um certo nível de consumo per capita pela agricultura, indústria e assim por diante é uma pré-condição para manter uma taxa constante ou acelerada de produtividade física per capita da sociedade como um todo. Esta taxa de crescimento necessária de níveis de consumo corresponde à “energia do sistema” daquele processo econômico. Qualquer ganho na produção que exceda a reposição da quantidade aumentada de energia do sistema representa uma “energia livre” relativa. A pré-condição de lucratividade é que a razão da “energia livre” do sistema para a “energia do sistema” deva crescer, ou pelo menos não diminuir, apesar da necessidade de que o valor per capita da “energia do sistema” cresça.

A origem do que parece ser a geração anti-entrópica da lucratividade líquida econômica física se baseia na capacidade da mente humana individual em gerar descobertas válidas de novos princípios e transmitir estas descobertas para outras mentes por métodos de replicação cognitiva. Isto é efetuado por meio da geração e disseminação da prática de descobertas válidas de princípios, descobertas que são originalmente geradas e replicadas dentro dos processos cognitivos soberanos da mente individual. Este processo social de progresso científico, tecnológico e outros possui uma característica “riemanniana”, qual se correlaciona com a anti-entropia.

Assim, a única fonte de lucratividade econômica física sustentável das economias em sua totalidade é essa anti-entropia, gerada pelos aspectos característicos da cognição das mentes individuais.

Mais profundamente, é a mesma anti-entropia cognitiva que define o relacionamento anti-entrópico da espécie humana com o Universo como um todo.

A emoção característica desse processo cognitivo e anti-entrópico é a paixão identificada como ágape, a mesma paixão que Platão associa com a motivação para a verdade e a justiça. Esta é a mesma qualidade associada com as formas de idéias particulares das formas clássicas de arte.

A supressão do ágape, como pela eliminação da arte clássica, ao mesmo tempo em que se suprime a ênfase no progresso científico e tecnológico e se permite um declínio econômico físico, tende a produzir um processo degenerativo nas qualidades morais e intelectuais da população afetada. O resultado, como Wells aponta à sua maneira, é uma

55. Cf. Lyndon H. LaRouche Jr., “What Economics Must Measure”, *Executive Intelligence Review*, 28/11/1997, passim.

forma de escapismo para a “realidade virtual” sintética, convergindo nas formas eroticamente motivadas da degeneração moral e intelectual, como na chamada música rock, ou no aumento da militância dos partidos nazistas e assim por diante. Se esta depressão cultural persiste, o resultado geral pode ser a perda temporária, ou mesmo permanente, da capacidade moral de tal sociedade para sobreviver.

Um exemplo típico de uma forma moralmente degenerada de cultura é a visão do mundo do empiricismo inglês do século 17, do “occamita” Paolo Sarpi e seus representantes, como Francis Bacon, Thomas Hobbes e, por conseguinte, John Locke, Bernard Mandeville, David Hume e Adam Smith. Essas culturas são caracteristicamente lineares, pelo que excluem toda e qualquer consideração das qualidades - todas não-lineares - que separam a Humanidade tanto das imitações mecânicas quanto dos animais inferiores. Por exemplo, atualmente, as noções associadas aos cultos da “teoria da informação” e “análise de sistemas”, ou formas positivistas das chamadas psicologia e sociologia, são exemplos desses traços culturais linearizados e degenerados.

Como indicado numa referência anterior, a própria noção de “geopolítica” é um exemplo dessas patologias lineares. Geralmente, todas essas patologias são associadas com qualidades patológicas de estados eróticos. O fato de que tanto Russell quanto Wells tenham sido degenerados eróticos não é nenhuma coincidência, embora nem todos os degenerados desse tipo culturalmente deprimente exibam necessariamente tais expressões flagrantes de patologias eróticas como estes dois infelizes. Cada patologia dessas expressa uma concepção degenerada de Deus, do homem e da natureza. Pela negação ou simples exclusão, por meio do desinteresse pelas qualidades “não-lineares” (ou seja, anti-entrópicas) de cognição individual que definem a real natureza humana, as relações entre os indivíduos e entre as nações se tornam bestializadas, assim como expresso pela própria noção de geopolítica, ou a doutrina associada de “equilíbrio de poder”.

Curiosamente, foi Oscar Wilde que estragou o espetáculo, com o seu *Retrato de Dorian Grey* - retrato que, incentivando a depravação cada vez maior do personagem-título, provocou a sua autodestruição. Isto era essencialmente o que a Monarquia britânica fazia com as nações - inclusive os Estados Unidos - que ameaçassem liquidar a oligarquia financeira internacional sediada em Londres. Fomos enquadrados e, então, devido à nossa própria loucura de procurar o prazer, em vez da felicidade, permitimos a Londres orquestrar o choque de 1962, levando à beira da guerra termonuclear generalizada. Aí, por terror, capitulamos diante do

choque. Nossos filhos promissores, que entravam na faculdade naquela época, os filhos a caminho de assumir posições futuras de liderança na sociedade, quase foram destruídos. Agora, estamos acabando com as nossas chances. Talvez, somente se os próprios *baby-boomers* enfrentarem a realidade da forma pela qual sofreram “lavagem cerebral” é que os novos choques de um sistema financeiro global em desintegração os levem a jogar fora as algemas que puseram em suas próprias mentes, há três décadas.

Wells *et alii* em suas próprias palavras

(Compilado por Scott Thompson e Michael Minnicino)

H.G. Wells chamou a atenção da elite literária britânica pela primeira vez no final do século 19. Como observado por muitos críticos da época, ele não era considerado um prosador particularmente talentoso, mas a “mensagem didática” de alguns de seus primeiros trabalhos - em particular, *A máquina do tempo* (1895), *A ilha do Dr. Moreau* (1886) e *A guerra dos mundos* (1898) – se ajustava perfeitamente aos objetivos políticos da Inglaterra eduardiana. Foi decidido chamar Wells de “o Poe inglês”, um elogio tão grotescamente inapropriado que até o próprio Wells o recusou.

O passaporte de Wells para os níveis mais altos da política imperial britânica veio em 1901, com a publicação de *Antecipações da reação do progresso mecânico e científico sobre a vida e o pensamento humanos*. Aqui, pela primeira vez, Wells formulou a sua teoria do governo mundial, que chamou “a Nova República” (um conceito que inspiraria mais tarde a revista estadunidense homônima). O que tornou a versão de imperialismo global de Wells particularmente sedutora foi a sua ênfase na higiene racial, então chamada eugenia. Segue-se um trecho:

“E o sistema ético que dominará o Estado mundial será conformado principalmente para favorecer a procriação do que é bom, eficiente e belo na Humanidade – corpos belos e fortes, mentes claras e poderosas e um corpo crescente de conhecimento – e para impedir a procriação de tipos baixos e servís, de almas medrosas e covardes, de tudo que seja mesquinho, feio e bestial nas almas, corpos e hábitos dos homens. O método só tem uma alternativa, o método que em alguns casos precisa ser invocado em auxílio do homem, a morte. Para uma multidão de criaturas desprezíveis e tolas, medrosas, sem jeito e inúteis, infelizes ou

abominavelmente felizes em meio aos desonrados esqueléticos, fracos, feios, ineficientes, nascidos da luxúria irrefreável, que aumentam e se multiplicam por meio da pura incontinência e estupidez, os homens da Nova República terão pouca piedade e benevolência menor ainda.”

A conclamação ao genocídio racial era drástica até mesmo para os padrões da Inglaterra eduardiana. O escritor Arthur Conan Doyle (que dificilmente seria um liberal em racismo) denunciou o livro como vil e pervertido. G.K. Chesterton levou dúzias de críticos a atacar a obra. Mas os políticos fabianos o adoraram. A fundadora da Sociedade Fabiana, Beatrice Webb, considerou *Antecipações* “o livro do ano”, afirmando que ele era cheio de hipóteses iluminadas e merecia um estudo cuidadoso dos que estivessem tentando olhar para a frente. O marido de Beatrice, Sidney, escreveu a Chesterton, ponderando que, embora Wells pudesse ter “ultrapassado os limites” em seu zelo, a mensagem de eugenia e neomalthusianismo do livro tinha que ser apoiada pelos britânicos bem-pensantes. *Antecipações* teve oito reimpressões em um ano e valeu a Wells um convite para ingressar na Sociedade Fabiana.

A partir de 1901, até a sua morte, em 1946, Wells escreveu mais uns 60 livros. Entretanto, quase todos são na realidade o mesmo livro reescrito: a história de uma civilização destruída por catástrofes ou guerras (a “guerra para acabar todas as guerras”, como escreveu Wells) e reconstruída como uma ditadura mundial “científica”. Wells acrescentou uma virada maligna no formato: o método mais eficiente de destruição mundial seria pelo uso de “bombas atômicas”. Segundo ele, a inspiração para esta idéia veio do físico Frederick Soddy, que trabalhara com Ernest Rutherford (foram as conferências de Rutherford sobre o átomo que inspiraram Bertrand Russell a escrever o conto de 1902, que ele nunca publicou, sobre uma bomba que era capaz de destruir toda a Humanidade).

Em 1908, Soddy proferiu uma série de conferências sobre o elemento rádio e a radiatividade em Glasgow, Escócia, e as publicou em 1909 sob o título *A interpretação do rádio e a estrutura do átomo*. Embora Soddy enfatizasse os usos positivos da energia atômica, Wells ficou inspirado pelas suas possibilidades para infligir o terror. Ele escreveu *The World Set Free* (O mundo libertado), em 1913 (publicado em 1914) e o dedicou “à *Interpretação do rádio* de Frederick Soddy. A presente história, que deve longas passagens ao capítulo onze daquele livro, reconhece e segue a si própria. Soddy aparece ficticiamente como o ‘professor Rufus’”.

Com esse livro, Wells inaugurou a era do terror nuclear e da “destruição mútua assegurada”. Seguem-se excertos:

“Um certo professor de física chamado Rufus estava dando um curso com conferências vespertinas sobre o rádio e a radiatividade, em Edinburgo. Eram conferências que atraíam uma atenção bastante considerável. ‘E, portanto,’ disse o professor, ‘vemos que o rádio, que de início parecia uma exceção fantástica, uma inversão maluca de tudo que era mais fundamental e estabelecido na constituição da matéria, é na verdade o mesmo que os demais elementos. Ele faz marcada e forçosamente o que provavelmente todos os outros elementos estão fazendo com lentidão imperceptível. É como a voz do solista cantando alto que trai a multidão respirando silenciosamente na escuridão. O rádio é um elemento que está se quebrando e voando em pedacinhos. Há pouco, pensávamos no átomo como pensávamos em tijolos, como material de construção sólido, como matéria substancial, como unidades de massa de matéria inanimada e, Oh!, aqueles tijolos são caixas, caixas de tesouro, caixas cheias da força mais intensa. A caixinha contém uma libra do elemento rádio; isto quer dizer mais ou menos quatorze onças do elemento urânio. Vale mais ou menos uma libra. E, nesta garrafa, senhoras e senhores, nos átomos presentes nesta garrafa jaz adormecida pelo menos tanta energia quanto obteríamos queimando cento e sessenta toneladas de carvão. Se, com uma palavra, num instante eu pudesse de repente liberar esta energia aqui e agora, ela nos explodiria a todos em fragmentos; se eu a pudesse colocar nas máquinas que iluminam esta cidade, ela manteria Edinburgo brilhantemente iluminada por uma semana. Mas, no presente, nenhum homem sabe como, nenhum homem tem a menor idéia de como se poderia apressar esse pedacinho de matéria para liberar o seu conteúdo.

“[Com esse conhecimento,] ele disse, reparem no que seríamos capazes de fazer! Deveríamos não só ser capazes de usar esse urânio e tório; deveríamos não só ter uma fonte de poder tão potente que um homem pudesse carregar em sua mão a energia para iluminar uma cidade por um ano, enfrentar uma frota de navios de combate, ou levar um dos nossos gigantescos navios de cruzeiro através do Atlântico. Mas, deveríamos também ter uma pista que nos possibilitasse por fim apressar o processo de desintegração de todos os outros elementos, onde ele ainda é tão lento que escapa às nossas medições mais acuradas. Cada resto de matéria sólida no mundo se tornaria um reservatório disponível de força concentrada. Compreendi, senhoras e senhores, o que essas coisas significariam para nós?

“Significaria uma mudança nas condições humanas que só consigo comparar com a descoberta do fogo, a primeira descoberta que alçou o

homem acima do animal. Hoje, estamos para a radiatividade assim como nosso ancestral esteve para o fogo antes que aprendesse a acendê-lo. Ele o conhecia antes, apenas como uma coisa estranha completamente além do seu controle, um brilho na borda do vulcão, uma destruição rubra que se derramava através da floresta. É assim que conhecemos a radiatividade hoje. Esta – esta é a aurora de um novo dia na vida humana. No auge da Civilização que começou na pedra lascada e na vareta de fazer fogo do selvagem, exatamente quando está se tornando claro que as nossas necessidades sempre crescentes não podem ser suportadas indefinidamente pelas nossas atuais fontes de energia, de repente, descobrimos a possibilidade de uma civilização inteiramente nova.”

Na ficção de Wells, a energia atômica é dominada em 1953, criando-se os “motores atômicos”. Os deslocamentos causados por esta nova energia levam ao colapso das indústrias de petróleo, carvão e aço; seguem-se as greves e o caos social e, finalmente, a guerra mundial começa em 1956. A guerra utiliza as “bombas atômicas”. Em 1956, todas as grandes cidades do mundo foram reduzidas a escombros:

“E, agora, sob o impacto das bombas atômicas, as grandes massas que tinham se aglomerado nos enormes e sujos centros das cidades daquele tempo ficaram sem nada e se espalharam desastrosamente pelas áreas rurais em volta. Foi como se uma força bruta, tornada enfim impaciente pela cegueira do homem, tivesse sacudido o mundo com uma intenção deliberada de rearranjar a população com um perfil mais íntegro. As grandes regiões industriais e as grandes cidades que haviam escapado das bombas encontravam-se, devido ao seu completo colapso econômico, numa penúria quase tão trágica quanto as atingidas e a vida rural estava em desordem, com multidões de estranhos a vaguear sem lei. Em algumas partes do mundo, a fome grassava e em muitas regiões havia epidemias... As planícies do Norte da Índia, cujo bem-estar se tornara cada vez mais dependente das ferrovias e do grande sistema de canais de irrigação, destruídos pela parte maligna dos patriotas, encontravam-se num estado peculiar de desolação; cidades inteiras jaziam mortas, sem aparecer ninguém e os próprios tigres e panteras que atacavam os sobreviventes esqueléticos rastejavam infectados de volta para perecer na floresta. Grandes áreas da China eram presas de bandos de malfeitores...”

“A catástrofe das bombas atômicas que sacudiram os homens para fora das cidades, do comércio e das relações econômicas também os sacudiu para fora dos seus velhos e consagrados hábitos de pensar e das crenças e preconceitos mantidos sem profundidade desde o passado. Tomando emprestando uma palavra dos químicos ultrapassados, os

homens se tornaram nascentes. Foram libertados dos velhos laços. Para o que desse e viesse, estavam prontos para novas associações.”

Da ficção à geopolítica

A história fictícia do propagandista Wells, membro da Távola Redonda e da Sociedade Fabiana, sobre um juízo final nuclear e uma ditadura única “benigna” passou a formar o cerne da geopolítica britânica a partir do momento em que o livro foi lançado em público. Depois da Primeira Guerra Mundial, as elites britânicas se moveram para colocar o seu plano em prática. O patrocínio que proporcionaram a Hitler e aos nazistas e a eclosão iminente de outra “guerra para acabar todas as guerras” proporcionaram o momento oportuno para lançar a era da guerra nuclear. O protegido de Wells, o físico Leo Szilard, e o aliado de Bertrand Russell, Eugene Wigner, se aproximaram de Albert Einstein e o convenceram a pressionar o presidente Franklin Roosevelt para deflagrar o projeto da bomba atômica estadunidense, baseados conscientemente na acusação falsa de que os cientistas de Hitler estavam trabalhando no mesmo programa e que a bomba atômica era vital para “derrotar os nazistas”.

A carta a seguir foi rascunhada por Szilard com o auxílio do epígono de Russell em Princeton, Wigner. Einstein a assinou depois que Szilard e Wigner, enganosamente, lhe garantiram que os nazistas estavam a ponto de obter a principal fonte de urânio no mundo e iam começar a trabalhar na bomba atômica. Esta carta ao presidente Roosevelt desencadeou o envolvimento dos EUA no Projeto Manhattan. Einstein nada teve a ver com o subsequente projeto “altamente secreto” da bomba dos EUA e, quando soube que uma bomba havia sido jogada em Hiroshima, exclamou: “Ai, ai, ai!”

O texto da carta era o seguinte:

“Albert Einstein
Old Grove Rd.
Nassau Point Peconic, Long Island
2 de agosto de 1939

F.D. Roosevelt
Presidente dos Estados Unidos

Casa Branca
Washington, D.C.

Senhor,

Um trabalho recente de E. Fermi e L. Szilard, que me foi comunicado em manuscrito, leva-me a esperar que o elemento urânio possa se tornar uma nova e importante fonte de energia no futuro imediato. Certos aspectos da situação que surgiu parecem exigir um alerta e, se necessário, uma ação rápida por parte do Governo. Creio ser meu dever trazer à sua atenção os seguintes fatos e recomendações.

No decurso dos últimos quatro meses, tem se tornado provável, por meio dos trabalhos de Joliot na França, bem como de Fermi e Szilard nos Estados Unidos, que pode ser possível desencadear uma reação nuclear num pedaço grande de urânio, por meio do que seriam geradas vastas quantidades de energia e grande quantidade de novos elementos radiativos. Hoje, parece quase certo que isto poderia ser conseguido no futuro imediato.

Esse novo fenômeno também levaria à construção de bombas, e é concebível – embora bem menos certo – que bombas extremamente poderosas de um novo tipo possam ser assim construídas. Uma única bomba deste tipo, levada de navio e explodida num porto bem poderia destruir todo o porto juntamente com parte do território em volta. Entretanto, tais bombas poderiam se mostrar muito pesadas para o transporte aéreo...

Em vista dessa situação, o Sr. poderia pensar ser desejável ter algum contato permanente entre o Governo e o grupo de físicos que estão trabalhando com reações em cadeia nos EUA...

Penso que a Alemanha já interrompeu a venda de urânio retirado das minas checoslovacas que ela tomou. Pode-se entender que tenha feito isto porque o filho do subsecretário de Estado alemão, von Weizäcker, está ligado ao Instituto Kaiser Wilhelm em Berlim, onde parte do trabalho estadunidense sobre urânio está sendo agora repetido.

Mui atentamente,
Albert Einstein”

O físico Leo Szilard, um protegido de H.G. Wells, foi o modelo para o personagem cinematográfico do “Dr. Fantástico” do filme de Stanley Kubrick.

Russel retoma o sonho de Wells

Mesmo antes de a nuvem radiativa ter-se dissipado sobre as ruínas de Nagasaki, Russell começou a sua campanha pública para convencer o mundo de que a ameaça da guerra atômica significava que as nações deveriam desistir de sua soberania em favor de uma ditadura mundial, capaz de exterminar impiedosamente qualquer resistência. O que se seguem são excertos de um comentário intitulado “A bomba e a Civilização”, publicado no jornal escocês *Glasgow Forward*, em 18 de agosto de 1945. O artigo foi escrito um ou dois dias após o bombardeio de Nagasaki, em 9 de agosto, mas antes do anúncio da rendição do Japão, em 14 de agosto.

“A perspectiva para a raça humana é sombria para além de qualquer precedente. A Humanidade se defronta com uma alternativa muito clara: ou pereceremos todos, ou teremos que adquirir um pouco de bom senso. Uma boa parte do novo pensamento político será necessário se for para evitar o desastre total.

“No momento, felizmente, só os Estados Unidos estão em posição de fabricar bombas atômicas. O resultado imediato deve ser um fim rápido à guerra japonesa, seja pela rendição ou pela exterminação. A força dos Estados Unidos nos assuntos internacionais é, presentemente, imensamente grande. Há um mês, a Rússia e os Estados Unidos pareciam estar iguais na força militar, mas agora este já não é mais o caso. Esta situação, entretanto, não durará muito, pois deve-se supor que, sem tardança, a Rússia e o Império Britânico se dedicarão ao trabalho de fazer estas bombas para si mesmos. O urânio se tornou, de repente, a mais preciosa das matérias-primas e os países provavelmente o disputarão como até agora lutaram pelo petróleo. Na próxima guerra, se as bombas atômicas forem usadas de ambos os lados, espera-se que todas grandes cidades serão completamente arrasadas; o mesmo ocorrerá com todos os laboratórios científicos e centros governamentais. As comunicações serão interrompidas e o mundo será reduzido a um certo número de comunidades agrícolas pequenas e independentes, subsistindo da produção local, como na Idade das Trevas. Mas, presumivelmente, nenhuma delas terá os recursos ou a tecnologia para fabricar bombas atômicas.

“Há ainda uma possibilidade melhor, se os homens tiverem a sabedoria de usar os poucos anos que lhes estão disponíveis. Ou a guerra ou a Civilização devem acabar e, se é para acabar com a guerra, deve haver uma autoridade internacional com a capacidade de só ela fazer

novas bombas. Todos os suprimentos de urânio devem ser colocados sob a guarda da autoridade internacional, que terá o direito de salvaguardar o minério com forças armadas. Assim que tiver sido criada tal autoridade, todas as bombas atômicas existentes e todos projetos para a sua fabricação devem ser entregues. E, naturalmente, a autoridade internacional deve ter forças armadas suficientes para proteger o que quer que lhe tenha sido entregue. Se este sistema for estabelecido, a autoridade internacional seria irresistível e as guerras cessariam. No pior dos casos, haveria revoltas breves e ocasionais, que seriam facilmente interrompidas.

“Mas temo que isso tudo seja utópico. Os Estados Unidos não concordarão com qualquer armamento em comum e, muito menos, a Rússia Soviética. Cada um insistirá em reter os meios de exterminar o outro, argumentando que não se pode confiar no outro.

“Se os EUA fossem mais imperialistas, haveria uma outra possibilidade, menos utópica e menos desejável, mas ainda preferível à obliteração total da vida civilizada. Seria possível aos estadunidenses usar a sua posição de superioridade temporária para insistir no desarmamento, não só na Alemanha e no Japão, mas em todos os lugares, exceto nos Estados Unidos ou, de qualquer forma, em todo país não preparado para entrar numa aliança militar estreita com os Estados Unidos, envolvendo o compartilhamento compulsório de segredos militares. Durante os próximos anos, esta política poderia ser exigida. Se uma ou duas guerras forem necessárias, elas seriam breves e, logo, acabariam numa decisiva vitória estadunidense. Deste modo, uma nova Liga das Nações poderia ser formada sob liderança estadunidense e a paz mundial seria estabelecida com segurança. Mas, temo que o respeito pela justiça internacional impeça Washington de adotar tal política.

“Em vista da relutância da Humanidade em formar voluntariamente uma autoridade internacional efetiva, devemos ter esperança e, talvez, possamos contar com isso, de que depois da próxima guerra mundial surja alguma potência com força tão preponderante que seja capaz de estabelecer uma hegemonia pacífica sobre o resto do planeta. A próxima guerra, a menos que seja logo, colocará em perigo todo governo civilizado. Mas, se qualquer governo civilizado sobreviver e atingir a supremacia, haverá novamente uma possibilidade de progresso com ordem e da utilização da ciência para a felicidade, em vez da destruição.”

Em outubro de 1946, Russell escreveu a seguinte declaração política para a revista *The Bulletin of the Atomic Scientists*:

“Há apenas um modo pelo qual as grandes guerras poderão ser permanentemente impedidas: pelo estabelecimento de um governo

internacional com um monopólio da força armada séria. Quando falo de um governo internacional, quero dizer um que de fato governa ...

“Um governo internacional, se deve ser capaz de preservar a paz, precisa ter as únicas bombas atômicas, a única fábrica para sua produção, a única força aérea, os únicos navios de guerra, e seus regimentos de infantaria devem ser todos compostos por homens de muitas nações diferentes; não deve haver possibilidade de desenvolver o sentimento nacional em nenhuma unidade maior do que uma companhia. Cada membro da força armada internacional deveria ser cuidadosamente treinado em lealdade para com o governo internacional.

“O governo internacional deve ter um monopólio do urânio e de quaisquer matérias-primas que possam no futuro ser adequadas para a fabricação de bombas atômicas. Ele deve ter um grande contingente de inspetores com o direito de entrar em qualquer fábrica sem avisar; qualquer tentativa de interferir com o seu trabalho deve ser tratado como *casus belli*...

“O monopólio da força armada é o atributo mais necessário do governo internacional, mas este terá naturalmente de exercer várias funções governamentais. Terá de decidir todas disputas entre diferentes nações e terá de possuir o direito de revisar tratados. Será obrigado por sua constituição a intervir pela força das armas contra qualquer nação que se recusar a submeter-se ao arbítrio...

“Há um outro método pelo qual, em teoria, a paz mundial poderia ser assegurada, que é pela supremacia de uma nação ou de um grupo de nações estreitamente aliados. Com este método, Roma assegurou a paz da área mediterrânea por vários séculos. Os Estados Unidos, neste momento, se fossem belicosos e imperialistas, poderiam compelir o resto do mundo a se desarmar e estabelecer um monopólio mundial de forças armadas estadunidenses. Mas, este país não tem nenhum desejo de empreendimentos assim e em poucos anos a oportunidade terá passado. No futuro próximo, uma guerra mundial, por mais terrível que seja, terminaria provavelmente com a vitória estadunidense, sem a destruição da civilização no Hemisfério Ocidental e a vitória estadunidense, sem dúvida, levaria a um governo mundial sob a hegemonia dos Estados Unidos – um resultado que, de minha parte, eu receberia com entusiasmo.

“Mas se, como parece mais provável, não houver guerra mundial até que a Rússia tenha um suprimento adequado de bombas atômicas, os planos para a paz mundial terão de levar em conta a Rússia e os Estados Unidos como potências aproximadamente iguais, e um governo internacional, se for para ser estabelecido antes do desencadeamento de

uma guerra totalmente desastrosa, terá que ser criado por acordos, em vez pela força.

“Sem ser propriamente pela força, o governo dos Estados Unidos, com o apoio da Grã-Bretanha e algumas outras potências, poderia fazer muito em prol da criação de um governo internacional. Uma aliança poderia ser formada, consistindo em primeiro lugar da América do Norte e do Sul, Comunidade Britânica, França, Bélgica, Holanda, Escandinávia e Espanha (depois de se cuidar de Franco). Esta aliança deveria proclamar certos propósitos internacionais e declarar a sua disposição de receber qualquer potência que subscreva tais propósitos. Deveria haver incentivos tanto militares quanto econômicos para ingressar na aliança; militares, pois a aliança sairia em defesa de todos seus membros; econômicos, por uma tarifa mais baixa para comércio dentro da aliança do que com países fora dela, além de vantagens no que concerne a empréstimos e acesso a matérias-primas. Deveria haver um aumento gradual na intimidade da aliança e um amálgama cada vez maior de recursos militares. Todo esforço possível deveria ser feito para induzir a Rússia a se tornar membro da aliança. Desta forma, o governo internacional poderia crescer gradualmente...”

“Como a Rússia é uma ditadura... só poderia haver acordo no nível governamental. Stálin e Molotov, ou seus sucessores, terão de ser persuadidos de que é do interesse nacional da Rússia permitir a criação de um governo internacional efetivo. Não penso que a persuasão necessária possa ser feita, exceto pelos governos, especialmente o governo dos Estados Unidos. Tampouco penso que a persuasão possa ser feita por argumentos de princípio. A única maneira possível, a meu ver, é com uma mistura de bajulação e ameaça, deixando claro às autoridades soviéticas de que a recusa trará o desastre, ao passo que a aceitação não o faria...”

“Se a bomba atômica chocar as nações para que concordem com um sistema para tornar impossíveis as grandes guerras, ela terá sido uma das maiores bênçãos já ofertadas pela ciência.”

Szilard em Pugwash

Em 1954, tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética desenvolveram a bomba de hidrogênio. Entre 3 e 5 de agosto de 1955, como resultado de um convite de Russell ao secretário-geral Nikita Khrushchov, quatro cientistas soviéticos se reuniram com suas contrapartes

ocidentais para discutir as implicações da corrida armamentista, num encontro da Associação dos Parlamentares para o Governo Mundial (APWG, com sede em Londres). A conferência votou a favor do manifesto de Russell-Einstein, que pedia a cooperação entre os cientistas. Russell redigiu este manifesto para que ele fosse assinado por cientistas dos blocos oriental e ocidental após o desenvolvimento da bomba-H, e Einstein concordou em assiná-lo numa carta escrita dois dias antes de sua morte. Oito cientistas, a maioria deles titulares do Prêmio Nobel, assinaram a declaração, que foi divulgada em uma conferência de imprensa, em 9 de julho de 1955. Depois que a APWG também aprovou o manifesto, Russell começou o trabalho que levou à fundação das Conferências Pugwash, cujo fundador inicial foi o industrial canadense Cyrus Eaton, como uma forma de os cientistas dos blocos oriental e ocidental se encontrarem regularmente. As conferências prosseguem até hoje, mas, por volta de 1960, Russell passou a considerá-las supérfluas e mudou para outros métodos.

Os excertos a seguir são oriundos de um documento baseado numa conferência de Szilard (que serviu de modelo para o personagem “Dr. Fantástico”)⁵⁶, que foi apresentada na segunda Conferência Pugwash, entre 31 de março e 11 de abril de 1958. O tema tratado era “Os perigos da situação atual e os meios de diminuí-los”. A conferência de Szilard, publicada no *Bulletin of the Atomic Scientists* de fevereiro de 1960, intitulava-se “Como viver com a bomba e sobreviver: a possibilidade de uma Pax Russo-Estadunidense no estágio de foguetes de longo alcance do chamado impasse atômico”. Vejamos alguns dos seus trechos principais:

“Nos anos que se seguiram à queda da bomba em Hiroshima, homens de boa vontade pensaram freqüentemente que o problema posto pela bomba poderia ser resolvido livrando-se dela no futuro previsível. Neste momento, não estou de forma alguma seguro de que esta é ou jamais tenha sido uma abordagem promissora do problema...”

“Creio que chegou a hora de enfrentar essa situação e perguntar com toda a seriedade se o mundo poderia aprender a conviver por um tempo com a bomba. O propósito do presente texto é examinar o que seria necessário para se conseguir isto.

“Na atual fase de transição do assim chamado impasse atômico, a

56. Do filme de Stanley Kubrick, *Dr. Strangelove*, no Brasil chamado “Dr. Fantástico, ou de Como Aprendi a Amar a Bomba”, de 1964 (N.T).

situação está mudando rapidamente. Se a Rússia desfechasse um ataque de surpresa contra as bases estadunidenses em algum ponto desta fase de transição, ela poderia paralisar seriamente a capacidade estadunidense de desferir um grande contra-ataque. O medo de que isto possa acontecer induz os EUA a construir submarinos que sejam capazes de lançar foguetes de alcance intermediário, que possam transportar bombas de hidrogênio. Pela mesma razão, os EUA estão preparados para manter – numa crise aguda – uma fração apreciável de seus bombardeiros estratégicos em vôo...

“O próximo passo do ‘impasse’ rumo ao qual nos movemos agora será algo diferente da atual fase de transição...”

“O estágio de foguete de longo alcance apresentará um quadro muito mais simples e claro do que a atual fase de transição. Neste estágio, a bomba apresentará manifestamente um problema totalmente novo para o mundo, e será óbvio que os estadistas não têm presentemente uma resposta para este problema. O problema pode ser enunciado assim: A ameaça de força sempre tem até agora desempenhado um papel nas negociações mútuas das grandes potências. No momento, não há substituto à vista e, portanto, pode-se supor que no estágio de foguete de longo alcance a ameaça de força continuará a desempenhar o seu papel tradicional, ao menos por enquanto.

“No passado, as grandes potências sempre consideraram a guerra como o último recurso, e ‘guerra’ significava uma disputa de força, a ser resolvida pela exaustão ou pelo colapso total de um dos dois lados em conflito... No presente estágio, os EUA e a Rússia não poderiam mais se engajar numa disputa desse tipo sem que ambos fossem destruídos. Entre eles a ‘guerra’, neste sentido do termo, não será mais praticável e, assim, uma das premissas básicas de sua política externa tradicional deixará de ser válida. O que irá substituí-la?

“A posse de bombas, grandes e pequenas, continuará a apresentar uma ameaça implícita. Talvez, a Rússia e os EUA consigam manter o uso da ‘ameaça de força’ e ainda evitar uma catástrofe atômica total, mas só se houver uma grande mudança no caráter da ‘ameaça’. Assim, somos levados a perguntar que tipos de ‘ameaças’ podem continuar ‘permissíveis’ no estágio de foguetes de longo alcance, se este estágio for ‘metaestável’. Por “metaestável” queremos dizer um estado no qual um distúrbio internacional possa levar a uma mudança, mas não dispararia uma cadeia de eventos que levem a uma destruição cada vez maior...”

“O que se precisa no momento não é que a Rússia e os EUA façam acordos sobre questões concretas, mas que façam um acordo mental sobre

o que seria necessário para tornar o estágio de foguetes de longo alcance uma situação `metaestável', de forma que um distúrbio inicial não possa disparar um guerra atômica total...

“Que tipo de distúrbio internacional poderia levar os EUA e a Rússia a uma guerra total no estágio de foguete de longo alcance?”

“Nos primeiros anos após a Segunda Guerra Mundial, os EUA e a Rússia se encontraram presos num conflito de poder. Conflitos deste tipo surgiram repetidamente ao longo da História. O conflito entre Atenas e Esparta, que precedeu a Guerra do Peloponeso e levou à destruição da Grécia, foi um conflito deste tipo... Assim como na Grécia, os competidores tentaram reforçar sua posição formando alianças e, gradualmente, cada vez mais nações foram atraídas para um ou outro dos dois campos. Este foi o cenário no qual surgiu a `guerra fria'...”

“Afirmo que, na medida em que o mundo se dirige para o próximo estágio, o círculo vicioso de conflito clássico de poder acabará de agir entre os EUA e a Rússia.

“Durante o início do pós-guerra, a Rússia e os EUA olhavam para outras nações como aliados em potencial e para cada aliado como um ativo potencial. No estágio do foguete de longo alcance, eles verão os aliados cada vez mais como riscos potenciais. As questões controversas que surgiram entre os EUA e a Rússia nos primeiros anos do pós-guerra perderão qualquer significado estratégico substancial e, portanto, poderão se tornar negociáveis...”

“É concebível que os EUA e a Rússia consigam dar um passo adiante, que possam concordar com uma revisão do mapa e que possam em seguida agir de acordo entre si, caso outras nações tentem mudar o mapa pela força ou ameaça de força. Uma pax russo-americana poderia em princípio ocorrer durante o próximo estágio?”

“Poucos anos depois de Hiroshima, quando os EUA estavam de posse da bomba e a Rússia não, os EUA adotaram uma política de ameaça de retaliação maciça contra as cidades da Rússia, se esta interviesse militarmente na Europa Ocidental. Winston Churchill foi o primeiro estadista que proclamou a crença de que, não fosse pela posse da bomba pelos EUA, morreria a liberdade na Europa Ocidental e, talvez, no mundo todo. Depois disto, muitas pessoas nos EUA chegaram a acreditar que isto fosse verdade...”

“A escola de pensamento prevalecte nos EUA afirma que a Rússia tem uma propensão para expandir o seu domínio e que que ela faria mudanças no mapa se o conseguisse a um custo relativamente baixo para si. Se não fosse por um `obstáculo' efetivo em ação, estas pessoas o

crêem, a Rússia teria continuado a se expandir nos anos do pós-guerra.

“Adotando-se por um instante essa opinião, só para argumentar, podemos aceitar a tese de que a ameaça de retaliação maciça pode ter funcionado como um “obstáculo” expedito – ainda que moralmente inaceitável – enquanto a Rússia não estava em posição de devolver o ataque. No próximo estágio, contudo, quando a Rússia puder ser capaz de destruir os EUA em qualquer grau desejável, assim como os EUA puderem ser capazes de destruir a Rússia em qualquer grau desejável, a ameaça de retaliação maciça por parte dos EUA seria equivalente a uma ameaça de ‘assassinato e suicídio’...”

“Entre os que acreditam que a Rússia precisa ser “dissuadida”... (o grupo mais importante) acredita, contudo, que uma política de ‘mantenha-os em dúvida!’ não irá funcionar e que a Rússia não pode ter nenhuma dúvida quanto ao preço que poderia ser-lhe exigido, se fizer um movimento agressivo. Estes homens dizem que os EUA precisam resistir a uma possível invasão russa de qualquer área que precisem proteger, preparando-se para travar uma guerra local na área em conflito. Eles também acreditam que os EUA possam usar pequenas bombas atômicas contra tropas em combate, em uma destas guerras ‘limitadas’...”

“Uma guerra limitada não precisa se deteriorar numa guerra total, se os EUA e a Rússia compreenderem que o objetivo de tal guerra não pode ser nada perto de uma “vitória”, nem mesmo vitória na área em conflito, na qual a luta esteja limitada. Em lugar disto, o objetivo desta guerra limitada deveria ser cobrar um preço e, assim, tornar onerosa para o inimigo a extensão do seu domínio. Eles poderiam fazer isso, por exemplo, declarando unilateralmente no início que usariam bombas atômicas apenas contra as tropas em combate e somente dentro do seu próprio lado da fronteira anterior à guerra...”

“Em algum momento, tanto a Rússia quanto os EUA poderiam decidir responder à ameaça da guerra ‘limitada’, não com uma contra-ameaça do mesmo tipo, mas com a ameaça de destruir – se preciso fosse – um número específico de cidades, que tenham recebido avisos adequados que permitam a sua evacuação em ordem. Então, isto representaria então um novo método de ‘cobrar um preço’, que poderia ser bem apropriado – se algum preço tivesse que ser cobrado... Do ponto de vista moral, um avanço que não seria de desprezar seria a ameaça de destruir propriedades, em vez da ameaça de matar soldados ou civis... Poderia, entretanto, ser necessário dispor de um catálogo com o número de habitantes de todas as cidades russas e estadunidenses, que fosse reconhecido como válido por ambas nações. Caso contrário, poderia surgir uma disputa numa crise

aguda sobre como se aplica o princípio de *quid pro quo* no caso em particular...

“Suponhamos, só para argumentar, que no estágio do foguete de longo alcance possa ocorrer algum grande distúrbio que afete a Península Arábica, ameaçando cortar o suprimento de petróleo da Europa Ocidental via Oriente Médio. Suponhamos, ainda, que os EUA estejam na iminência de enviar tropas ao Iraque e à Arábia Saudita, que tropas turcas estejam posicionadas para invadir a Síria e que a Rússia esteja concentrando tropas na sua fronteira turca com o objetivo de deter a Turquia. Suponhamos, ainda, que neste momento os EUA possam declarar que estejam preparados para enviar tropas contra as tropas russas em combate no território turco e, talvez, prosseguindo no calor, também para além da fronteira turco-russa pré-conflito.

“A Rússia teria, então, que decidir se iria querer travar uma guerra atômica na sua fronteira sul e correr o risco de que esta guerra não fosse limitada. Supondo que a Rússia tivesse interesses substanciais no Oriente Médio, mas cobraria um preço dos EUA, se necessário fosse, não em vidas humanas, mas em propriedades. Ela poderia continuar indicando umas vinte cidades estadunidenses e deixando claro que escolheria uma destas cidades, dando o aviso de quatro semanas para permitir a sua evacuação em ordem e possibilitar que o governo estadunidense fizesse as provisões para alimentar e abrigar os refugiados, para então destruir aquela cidade com um único foguete de longo alcance.

“Para dar credibilidade a essa ameaça, a Rússia teria de deixar claro que seguiria o princípio de ‘um por um’ e que toleraria – sem ameaçar nenhuma represália – que os EUA destruíssem cidade russas que tivessem a mesma população agregada. Ela poderia deixar claro que esperaria que estas cidades também tivessem um aviso prévio e que, para qualquer cidade adicional que os EUA decidissem eliminar na Rússia, ela eliminaria uma e só uma cidade de tamanho similar nos EUA...

“Qual seria a resposta estadunidense a uma ameaça desse tipo, desde que a ameaça fosse apropriadamente qualificada e, portanto, crível? Presumivelmente, as vinte cidades indicadas estariam pressionando Washington contra a projetada intervenção armada no Oriente Médio e, talvez, forçando um reexame de toda a situação no Oriente Médio. As pessoas bem poderiam questionar: ‘Em vista do fato de que não há outro mercado para o petróleo do Oriente Médio, a Europa Ocidental está mesmo em perigo de perder o suprimento de petróleo do Oriente Médio? O petróleo do Saara não poderia substituir, se necessário, o do Oriente Médio e se fossem assim, quanto os países do Oriente Médio poderiam subir o

preço do petróleo?’

“Como resultado desse reexame, os EUA poderiam talvez decidir contra uma intervenção no Oriente Médio. Pelo contrário, se os EUA, estando dispostos a perder uma de suas grandes cidades, tivessem de decidir a favor da intervenção, então a Rússia e os EUA perderiam a mesma quantidade de ‘propriedades destruídas’ e os EUA ficariam livres para ocupar o Iraque e a Arábia Saudita sem temer nenhuma outra represália russa...

“Mesmo hoje em dia, quase ninguém nos círculos governamentais da França ou Alemanha Ocidental, por exemplo, de fato acredita que os EUA sacrificariam um bom número de suas cidades para manter um compromisso assumido na época em que precisavam de bases militares na Europa e era possível estender proteção às nações na Europa Ocidental sem arriscar a perda de suas próprias cidades. Mais cedo ou mais tarde, dúvidas deste tipo, inevitavelmente, levarão as nações como a França e Alemanha a querer possuir as suas próprias bombas, se quiserem confiar nelas...

“A essa altura, pode ser necessário dizer que a perda de uma cidade evacuada poderia significar muito mais do que somente uma ‘perda de propriedades’ e isto seria talvez ainda mais verdadeiro na Europa do que no resto no mundo. As pessoas têm uma forte ligação emocional com a cidade em que vivem e certas cidade são de fato insubstituíveis. A destruição de uma cidade causaria o deslocamento da população e poderia destruir um boa parte do tecido social; assim, o dano não pode ser expresso em termos puramente monetários. Na Europa, talvez mais ainda do que em outros lugares, as pessoas poderiam se rebelar à idéia de que sua cidade pudesse ser sacrificada no altar de metas nacionalistas mais ou menos irracionais...

“Ocasionalmente, há sugestões em discursos de funcionários, que deveriam estar melhor informados, relativas a trabalhos em andamento sobre um sistema de defesa destinado a destruir foguetes de longo alcance em vôo. De fato, um sistema de defesa destes não está em vista. O que pode estar em vista é um novo tipo de corrida armamentista fútil. Uma nação, digamos os EUA, poderia adquirir os meios que lhe permitiriam destruir em vôo uma pequena fração dos próximos foguetes de longo alcance e a fração dos foguetes que poderia assim destruir pode aumentar gradualmente com os anos. A Rússia poderia, então, responder aumentando correspondentemente o número de foguetes prontos para o disparo. Somente uma pequena fração destes foguetes seria necessária para transportar uma bomba de hidrogênio; o resto poderia carregar cargas

inofensivas.

“Uma corrida armamentista dessas seria fútil, com a capacidade ofensiva sempre à frente da capacidade defensiva e, contudo, poder-se-ia tornar um grande peso econômico. Em circunstâncias destas e similares, pode-se tornar necessário em algum momento um acordo sobre limitação de armas...”

Tanto Russell quanto Szilard mantiveram uma correspondência com Khrushchov, desde aproximadamente o momento da decisão de Khrushchov de enviar quatro altos cientistas acadêmicos para assistir a reunião de 1954 da Associação dos Parlamentares para o Governo Mundial, em Londres. Como está documentado no livro *Toward a Livable World: Leo Szilard and The Crusade for Nuclear Arms Control* (The MIT Press, Cambridge 1987), a correspondência entre Szilard e Khrushchov foi particularmente intensa no início da década de 1960, inclusive durante a Crise de Berlim e a Crise dos Mísseis de Cuba. Numa carta de 4 de outubro de 1961, endereçada ao “Caro Sr. Khrushchov”, Szilard propôs a seguinte solução para a Crise de Berlim, quando os soviéticos ergueram um muro ao redor da sua zona da cidade:

“Quando fui recentemente entrevistado na televisão, me perguntaram se eu pensava que haveria uma guerra total por causa de Berlim. Respondi que não via como podia ser necessário aos EUA despejar centenas de bombas-H sobre cidades russas e que a Rússia despejasse centenas de bombas-H sobre cidades estadunidenses para resolver a questão de Berlim, quando a questão podia claramente ser resolvida jogando apenas duas bombas-H – ambas sobre Berlim. Perguntaram-me, então, por que uma bomba-H não seria suficiente para destruir Berlim e respondi que isto não funcionaria, porque se fosse para jogar só uma bomba-H, então a Rússia e os EUA não conseguiriam chegar a um acordo sobre quem devia lançar aquela bomba.”

Russell e a Crise dos Mísseis de Cuba

Durante a Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962, Russell tentou se insinuar como mensageiro entre o presidente John F. Kennedy e o secretário-geral Nikita Khrushchov, para promover as metas principais de: 1) usar a ameaça de obliteração termonuclear potencial para defender a causa do governo mundial por meio das Nações Unidas; 2) orquestrar

as regras do engajamento termonuclear na base do princípio do “um por um”; e 3) gerar um choque, por meio do terror termonuclear, que ocasionasse uma mudança de paradigma cultural nas gerações futuras.

Russell condenou o Presidente Kennedy como “insano” por se recusar a jogar com as regras que ele estava fixando, enquanto elevava Khrushchov aos céus por salvar a Humanidade de acordo com a sua intervenção. Embora documentos recentemente liberados da Biblioteca JFK demonstrem que o Presidente Kennedy pensou numa troca de mísseis na Itália e Turquia por aqueles localizados em Cuba, o perverso Russell deixa abundantemente claro que o Presidente Kennedy não “cooperou” com as suas metas.

A Crise dos Mísseis explodiu em 22 de outubro de 1962, quando o presidente Kennedy impôs um bloqueio a Cuba. Kennedy anunciou que mísseis soviéticos haviam sido descobertos na ilha e, a menos que fossem desmontados imediatamente, os Estados Unidos declarariam guerra para remover a ameaça à sua segurança. Em 23 de outubro de 1962, Russell enviou o seguinte telegrama ao presidente Kennedy:

“Suas ações desesperadas. Ameaça à sobrevivência humana. Nenhuma justificativa concebível. Homem civilizado a condena. Não deixaremos ter genocídio. Ultimato significa guerra. Não falo de poder mas suplico pelo homem civilizado. Acabe com essa loucura.”

Ao mesmo tempo, enviava outro telegrama a Khrushchov:

“Peço-lhe não se deixar provocar pela ação injustificável dos Estados Unidos em Cuba. O mundo apoiará cautela. Insistir para condenação ser feita pelas Nações Unidas. Ação precipitada poderia significar aniquilação da Humanidade.”

Em 24 de outubro, diante de uma grande multidão reunida em frente à embaixada dos EUA em Londres, Russell divulgou o seguinte folheto de terror termonuclear:

“Você vai morrer.

“Não de causa natural, mas dentro de poucas semanas. E não só você, mas sua família, seus amigos e todos habitantes da Grã-Bretanha, junto com muitas centenas de milhões de pessoas inocentes em outras partes.

“Por quê?

“Porque os estadunidenses ricos não gostam do governo que os cubanos preferem e usaram parte de sua fortunas para espalhar mentiras sobre ele.

“O que você pode fazer?”

“Você pode sair na rua e na praça proclamando: Não ceda a assassinos ferozes e insanos. Não imagine que seja seu dever morrer quando seu primeiro-ministro e o presidente dos Estados Unidos lhe ordenarem fazê-lo. Lembre-se, pelo contrário, de seu dever para com sua família, seus amigos, seu país, o mundo em que vive e o mundo futuro que, se você quiser, pode ser glorioso, feliz e livre.

“E lembre-se:

“O conformismo significa a morte –

“Só o protesto dá uma esperança de vida.”

Em 24 de outubro, Russell foi assaltado pela imprensa quando esta soube que Khrushchov havia respondido o seu telegrama com uma carta, simultaneamente publicada em excertos pela agência noticiosa soviética Tass, antes que a carta chegasse às mãos de Russell. Na carta, Khrushchov expressava uma “gradidão sincera” pelo interesse que Russell demonstrara “perante às ações agressivas dos Estados Unidos”. Khrushchov dava garantias de que “o governo soviético não tomará decisões impensadas...(mas) fará de tudo para impedir a deflagração da guerra”. Khrushchov convocava o Presidente Kennedy a “mostrar reserva e interromper a execução de suas ameaças de pirataria”. Propunha uma “reunião de alto nível para remover o perigo de desencadear uma guerra termonuclear”. Imediatamente, Russell telegrafou a Khrushchov nos seguintes termos:

“Obrigado por sua resposta cordial. Congratulo-o pela sua posição corajosa em favor da sanidade. Espero que retenha os navios em águas cubanas por um tempo suficiente para assegurar o acordo estadunidense em torno de sua proposta. O mundo inteiro irá abençoá-lo se tiver sucesso em impedir a guerra. Se houver qualquer coisa que eu possa fazer, por favor me avise.”

E Russell telegrafou a Kennedy na mesma hora:

“Insisto veementemente para que dê uma resposta conciliatória à abertura vital de Khrushchov e evite um choque com navios russos por um tempo suficiente para tornar possíveis a reunião e as negociações. Depois

que os disparos tiverem sido trocados será provavelmente tarde demais. Apelo para que se reúna com Khrushchov. Se houver algo que eu possa fazer, por favor, me avise.”

Em 24 de outubro, Khrushchov ordenou que 12 navios que aparentemente carregavam armas retornassem e não desafiassem o bloqueio de Cuba pelos EUA. Depois que Russell recebeu a notícia de que os navios soviéticos tinham alterado o rumo, ele fez a seguinte declaração à imprensa:

“O premier Khrushchov é pessoalmente responsável por impedir uma guerra de devastação nuclear. Ele agiu com o máximo comedimento numa crise de primeira grandeza. Ele cumpriu cada letra da promessa contida em sua mensagem a mim. Prometeu não fazer nada drástico e nada que pudesse arriscar um conflito e doze navios russos retornaram de seu destino a Cuba. Interrompeu todas as remessas futuras. Isto deixa Cuba bloqueada. A moderação desesperadamente importante do Sr. Khrushchov torna o presidente Kennedy responsável por aceitar sua oferta de se reunir e discutir questões relevantes no mais alto nível. O bloqueio viola a lei internacional. É ilegal. É imoral. Se o bloqueio é defensável quando aplicado a Cuba, então é também aplicável à Grã-Bretanha. Os EUA deveriam lembrar-se da guerra de 1812. Se as bases nucleares são intoleráveis em Cuba, são intoleráveis em qualquer lugar. Este é o cerne do que venho dizendo para o povo britânico durante toda a nossa campanha pelo desarmamento nuclear. As bases nucleares ameaçam a paz de todos. Agora é o momento para compreendermos que estivemos à beira do fim da vida humana em nosso planeta. A oferta do Sr. Khrushchov de se reunir e discutir a origem do conflito precisa ser apoiada por todo homem e mulher são.”

Em 25 de outubro, Russell recebeu uma resposta do presidente Kennedy, que dizia:

“Estou de posse de seus telegramas. Já estamos discutindo o assunto nas Nações Unidas. Apesar de suas mensagens serem críticas dos Estados Unidos, elas não fazem nenhuma menção de preocupação sua com a introdução de mísseis soviéticos secretos em Cuba. Penso que a sua atenção bem poderia ser dirigida também aos ladrões, em vez de aos que prenderam os ladrões.”

Russell respondeu a Kennedy:

“Grato por sua resposta aos meus telegramas. Entendo sua ansiedade quanto aos mísseis nucleares. Meu argumento é que um bloqueio que ameace afundar navios soviéticos traz a Humanidade à beira da aniquilação. Suplico-lhe não invadir Cuba nem arriscar uma guerra nuclear. Você poderia aceitar a inspeção das bases pelas Nações Unidas e oferecer em troca as bases na Turquia?

“A remoção de quaisquer bases do perímetro russo fortaleceria imensamente a posição dos EUA em favor da paz e traria uma resposta soviética comparável.

“Estou apelando para que o Dr. Castro aceite a inspeção das Nações Unidas em troca de sua promessa solene de que Cuba não será invadida pelos Estados Unidos. Está em suas mãos transformar uma situação de grave crise em uma de imensa esperança. Sua iniciativa pacífica agora traria a gratidão do mundo.”